

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

RUBEN FERREIRA MARIA

EVANGELIZAÇÃO OU MERCANTILIZAÇÃO DA FÉ?  
COTEJAMENTOS ENTRE SAGRADO, FÉ, ÉTICA E IGREJA NA  
MODERNIDADE A PARTIR DOS ESTUDOS SOBRE A EVANGELIZAÇÃO  
ATRAVÉS DO USO DA MÍDIA.

São Leopoldo

2012

RUBEN FERREIRA MARIA

EVANGELIZAÇÃO OU MERCANTILIZAÇÃO DA FÉ:  
COTEJAMENTOS ENTRE SAGRADO, FÉ, ÉTICA E IGREJA NA  
MODERNIDADE A PARTIR DOS ESTUDOS SOBRE A EVANGELIZAÇÃO  
ATRAVÉS DO USO DA MÍDIA.

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Oneide Bobsin

Segundo Avaliador: Roberto Ervino Zwetsch

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M332e Maria, Ruben Ferreira

Evangelização ou mercantilização da fé:  
cotejamento entre sagrado, fé, ética e igreja na  
modernidade a partir dos estudos sobre a  
evangelização através do uso da mídia / Ruben  
Ferreira Maria ; orientadora Oneide Bobsin. – São  
Leopoldo : EST/PPG, 2012.  
84 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de  
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em  
Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Comunicação de massa em religião. 2.  
Comunicação de massa – Aspectos religiosos –  
Cristianismo. 3. Religiosidade. 4. Brasil – Usos e  
costumes religiosos. I. Bobsin, Oneide. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

RUBEN FERREIRA MARIA

EVANGELIZAÇÃO OU MERCANTILIZAÇÃO DA FÉ?

COTEJAMENTOS ENTRE SAGRADO, FÉ, ÉTICA E IGREJA NA  
MODERNIDADE A PARTIR DOS ESTUDOS SOBRE A EVANGELIZAÇÃO  
ATRAVÉS DO USO DA MÍDIA.

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Data:

---

Oneide Bobsin - Doutor em Ciências Sociais – EST

---

Roberto Ervino Zwetsch – Doutor em Teologia – EST

## ***AGRADECIMENTOS***

À minha amada esposa Marina, filhos, netos, genros, pais, mãe, irmãos e amigos que nunca duvidaram do meu potencial e que sempre me apoiaram para que eu pudesse superar os estorvos e alcançar todos os meus escopos.

Ao meu proeminente orientador Professor Dr. Oneide Bobsin, pela sabedoria, paciência, zelo e total atenção, a mim dedicados no transcorrer do desenvolvimento deste trabalho acadêmico.

## **DEDICATÓRIA**

Agradeço, aos docentes, professores (as): Dra. Gisela Isolde Waechter Streck; Julio Cezar Adam; Laude Erandi Brandenburg; Roberto Ervino Zwetsch; Rudolf von Sinner; Sandra Vidal Nogueira; Valério Guilherme Schaper; Mestre José Caetano Zanella, todos da Faculdades EST, pelos ensinamentos transmitidos e que me proporcionaram uma visão mais ampla sobre o Mestrado Profissional em Teologia, na Linha de Pesquisa em Ética e Gestão.

Minha gratidão, também, aos meus amigos e colegas de turma e de outras linhas de pesquisas, destarte como todos os funcionários das Faculdades EST, pelas sugestões, paciência e apoio no transcorrer do curso supracitado e durante o processo de produção deste trabalho acadêmico.

## RESUMO

Se partirmos do pressuposto que a humanidade tem uma essência naturalmente religiosa, e que a religião, conforme nos é apresentada no século XXI, também transporta os seus adeptos para a dimensão relacional do natural com o sobrenatural, concluiremos que a religiosidade encontra-se onde os seres humanos vivem e se relacionam. Consequentemente, na atualidade, a religião também está presente no “ar”, nas ondas tecnológicas da comunicação virtual e nas imagens apresentadas exaustivamente, sendo a mídia um dos veículos de sua divulgação. Somado a isto, temos o fato de que nas últimas décadas a comunicação de massa viabilizou a proliferação de espetáculos, por meio dos novos espaços midiáticos como a televisão e a internet. Nestes espaços, o próprio espetáculo está se transformando em um dos princípios organizacionais da vida cotidiana e da peculiar religiosidade contemporânea. Dessa forma, ao chegarmos ao final deste trabalho de dissertação, constatamos que a sociedade do espetáculo, apresentada e defendida por Debord na década de 1960, e onde estamos inseridos hoje, permite que a religiosidade propagada nos *mass media* constitua-se como uma série de espetáculos, tecnologicamente sofisticados, para atender às expectativas do público-fiel-religioso que, logo à primeira vista, nos parece cada vez mais sedento por entretenimento. Paralelamente, as inúmeras formas de entretenimento invadem o cotidiano moderno e a multimídia, na mesma medida em que intensificam a forma-espetáculo da cultura da mídia. Assim, vemos o despontar da vida religiosa também ser cada vez mais moldada pelo espetáculo. São incontáveis horas de conteúdo religioso presente nas telas da cultura da mídia, que apresentam não apenas os grandes momentos da vida comum recheados de representação, mas proporcionam também material ainda mais farto para as fantasias e sonhos, modelando o pensamento, o comportamento, as identidades e a própria religiosidade. Neste caso, a profundidade da fé na religião espetacular não mais é mensurada pela qualidade teológica dos seus postulados, mas pela intensidade do sentimento do indivíduo que se entrega no fervor religioso, experimentado no contexto dos cultos. É exatamente por isso que nestes cultos, os fiéis são tomados por ataques de catalepsia, convulsões, visões, acessos incontrolláveis de riso, súbitas explosões de cantoria e até mesmo de latidos. Neste sentido, quando abordamos na nossa dissertação, a relação existente entre religião, mídia, espetáculo e entretenimento, refletimos em essência, sobre o cerne do discurso midiático, potencialmente dramático. As narrativas e personagens presentes na mídia, de alguma forma, são dramatizados, a fim de provocar emoções, seja o riso ou a lágrima.

**Palavras-chave:** Fé. Religião. Ética. Mídia.

## ABSTRACT

If we assume that the man has a naturally religious essence and religion, as it is presented to us today; carries the believers to a relational dimension where the natural coexist with supernatural, we are going to conclude that religiosity is located where the human beings live and establish relations. Consequently, nowadays, the, religion is also present in "the air" in the technological waves of virtual communication and in the images which are exhaustively shows, given that the media is one of the vehicle for this dissemination. Moreover, there is the fact that during the last decades, the mass media enabled the proliferation of spectacles through the new organizations in the media, such as television and internet. In these organizations, the spectacle itself is becoming one of organizational principles of the daily life and the peculiar contemporary religiosity, thus while we reach the end of this dissertation, we realize that the society of the spectacle, which was presented and defended by Debord in the 1960s and which we are inserted, allows the religiosity propagated by the mass media constitutes itself as a series of technologically sophisticated shows, to meet the expectations of the faithful religious public, who at the first sight, seems to be increasingly hungry for entertainment. Meanwhile, the numerous forms of entertainment invade the modern and multimedia every day, the same extent that enhances the way of the spectacle of the media culture. Thus, we can see that the beginning of the religious life is increasingly shaped by the spectacle. Countless hours of religious content is present on the screens of the media culture, presenting not only the great moments of the daily life filled with represent but also even a richer material for fantasies and dreams, shaping the thoughts behavior, identities and the religions. In this case, the profundity of faith on the spectacular religions not measured by the theological anilities of its postulates but it is measured by the intensity of the individual feeling, who are engaged with the religious fervor experienced in the services that is exactly why, in these services the faithful are taken by attacks of catalepsy convulsions, visions, burst into laughter on sudden outbursts of singing or even barking. In this sense when we approach ours thesis, the relationship between religion, media, spectacle and entertainment, we reflect about the care of the media discourse, potentially dramatic the narratives and characters present on the media, somehow, are dramatized, in order to provoke emotions either laughter or tears.

**Keywords:** Religion. Faith. Ethics. Mass Media.





## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 PANORAMA DO BRASIL RELIGIOSO .....	13
1.1 Aportes sobre a evolução das crenças no Brasil.....	15
1.2. A representatividade numérica das adesões religiosas .....	16
1.3 Os protestantes, os pentecostais, os neopentecostais e os carismáticos .....	18
1.3.1 <i>Os protestantes</i> .....	19
1.3.2 <i>Os pentecostais</i> .....	19
1.3.3 <i>Os neopentecostais</i> .....	20
1.3.4 <i>Os carismáticos</i> .....	21
1.4 Panoramas dos protestantes e evangélicos no Brasil.....	22
1.4.1 <i>A fé</i> .....	25
1.4.2 <i>A ética</i> .....	26
1.4.3 <i>A Evangelização</i> .....	31
1.4.4 <i>A Mercantilização da Fé</i> .....	32
1.4.5 <i>A mídia: “mass media”</i> .....	33
2 A RELIGIÃO NA MODERNIDADE: SECULARIZAÇÃO, RACIONALIDADE E QUESTÕES ÉTICAS.....	37
2.1 A Modernidade Religiosa: racionalidade presente .....	38
2.2 A instituição religiosa em meio à pós-modernidade.....	41
2.3 O paradigma da secularização .....	42
2.4 O avanço do neopentecostalismo.....	45
2.5 Neopentecostalismo: exegese e hermenêutica bíblica versus o cerne da mensagem do evangelho.....	49
2.6 Relações entre a racionalidade da pós-modernidade religiosa e o neopentecostalismo ..	50
3 EVANGELIZAÇÃO ATRAVÉS DO USO DA MÍDIA .....	55
3.1 Rearticulação da religião diante do mercado: a privatização da religião .....	55
3.2 Religião, mídia e mercado consumidor .....	61
3.3 Os neopentecostais, a igreja eletrônica e a utilização da mídia.....	69
CONCLUSÃO.....	75
REFERÊNCIAS .....	79



## INTRODUÇÃO

As relações entre os processos midiáticos, as práticas religiosas e a ética têm seu lugar na ambiência televisiva de ordem midiática. Todo esse movimento incide brutalmente no âmbito de outras práticas sociais, determinando o que é o fenômeno religioso na atualidade e quais são as possibilidades de acesso a ele como objeto de estudo, mediante operações de natureza vivencial ou discursiva, como procuraremos demonstrar ao longo deste trabalho. Assim, o suporte desta pesquisa constitui-se a partir da imagem das igrejas que, por sua força expansiva e seu poder de divulgação, por meio das redes de televisão, torna-se um exemplo claro de como esta mídia influencia a subjetividade e o comportamento de seus fiéis receptores.

Tais comunidades receptivas experimentam a fé em um clima cheio de emoção e vivem o protagonismo, de modo presencial, junto com a Igreja e com os líderes que a promovem. Por conta dos dispositivos midiáticos a favor da fé, bem como por seus efeitos de sentido em prol da mensagem que está sendo veiculada, convertem os receptores em coprodutores litúrgicos, ação pela qual o rito se estabelece, seja através de um culto transmitido ao vivo e em tempo real ou no espaço virtual da tela inserido na “intimidade” dos lares, acompanhando e integrando-se à gestão comunitária com a intensidade que as relações coletivas deste tipo podem suscitar. O desempenho de ação parece ser o eixo mobilizador das práticas ritualísticas midiáticas e distanciadas da ética. Esse fenômeno será explorado em cada um dos capítulos desta dissertação.

Valendo-se das necessidades afetivas e morais das pessoas disponíveis a serem mobilizadas pelas formas de organização da vida e do pensamento de seus fiéis, muitas denominações religiosas crescem por intermédio da mídia. Seus cultos têm saído dos templos e entrado nas casas da grande massa de pessoas que, na sua maioria, estão desencantadas pelo mundo, devido à cruel realidade social. Muitos, buscando respostas que possam atender às suas necessidades e desejos, encontram afago nas mensagens midiáticas televisivas ou virtuais. O domínio que a religião tem sobre uma grande massa, construído ao longo dos séculos, levou a hierarquia religiosa a programar mudanças baseadas em uma suposta “ordem de Deus”, mesmo sem bases concretas do livro guia da religião cristã, a Bíblia Sagrada, e à margem da ética cristã. No entanto, a própria religião vai percebendo que o poder da imposição de seus conceitos, ou da criação de novos, gera inquietação no ser humano, por mais que esta seja acompanhada por uma postura de submissão.

A busca pelo que é mais acessível e agradável se expressa na superficialidade das crenças, na priorização dos laços entre religião e entretenimento, na ideia de que a religião organiza o tempo livre, etc. A pessoa muitas vezes deixa em segundo plano aquilo que é sagrado para atender apenas suas necessidades individuais. O capitalismo transformou nossa cultura em um cenário de consumo generalizado, no qual tudo pode ser comercializado e a moral e a ética vão ficando em segundo plano. Nesse contexto, a propaganda surge como um recurso de encantamento entre fé e esperança, um meio de persuadir as pessoas a consumir cada vez mais.

Boa parte do crescimento dos evangélicos deve ser atribuída ao uso intensivo da mídia eletrônica. Com a nova geração de pastores que fazem um trabalho televisivo profissional, surgem, no público telespectador, a curiosidade e o encantamento pelo discurso religioso na televisão. Associado aos problemas pessoais, crises existenciais e financeiras, a situação geral de insegurança leva o espectador a se interessar pela proposta do locutor de autoajuda, cuja mensagem discursiva as pessoas carentes estão querendo realmente escutar.

As contribuições para que o programa se mantenha no ar normalmente são feitas pela aquisição de produtos oferecidos pela própria instituição religiosa como livros, CDs e DVDs. Alguns apresentam o número da conta bancária no rodapé da tela para que os fiéis contribuam por meio de depósitos.

Já a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) recorre a um método diferente; ela não vende nenhum produto ou pede contribuições através de seus programas. Em vez disso, a igreja convida os telespectadores, após o programa televisivo, a se dirigirem ao templo mais próximo para receberem orações e bênçãos. As contribuições são solicitadas nesses locais e não nos programas de televisão. Para alguns pesquisadores, esta é a melhor estratégia para fidelização das pessoas: tratar o outro o mais próximo possível, podendo apresentar as ideias face a face. Desse ponto de vista, algumas perguntas emergem: como se estabelece a relação entre a Igreja e a mídia no contexto da contemporaneidade particularmente na questão ética? Como a origem ontogenética, a filogenética do fenômeno religioso e a televisão tem se convertido na atualidade no novo altar da ritualização? O sagrado para um cristão é aquilo que está registrado no cânon sagrado? Ou aquilo que a Igreja apresenta como sagrado? Ou ainda aquilo que ele interpreta como sagrado?

As práticas ritualísticas encontram sua base no mito ou nas formas simbólicas da linguagem que a mídia costuma usar para atingir seus receptores. A televisão, sendo a mídia

de maior alcance às massas e um veículo informativo eficaz em termos de “penetração”, também explora a experiência religiosa como eixo de sua temática discursiva e de igual maneira faz uso dela como sendo uma estratégia mercadológica. Observa-se no atual momento histórico evidência de crença dentro do fenômeno religioso, uma vez que sucessivas mudanças abalaram as raízes do significado do sagrado. A dimensão dos textos sacros tornou-se algo que pode ser discutido.

No contexto religioso contemporâneo, os apelos aos sentidos, primeiramente à visão, têm gerado entretenimento, desejos e ansiedades no consumidor religioso. O que nos parece, à primeira vista, é que o conceito da “missão” religiosa está sendo deixado de lado para o alcance de melhores resultados em termos numéricos, para o “enchimento” de igrejas e abertura de novos templos. O que se vê em pleno século XXI com clareza, é acirrado disputas denominacionais no cenário religioso, no qual a dimensão ética tem sido utilizada de maneira bastante parcial.

Discursos são alicerçados sobre temas pessoais e figuras públicas. Histórias sensacionalistas de vida são expostas nos meios de comunicação, o que acaba por reforçar o culto ao personalismo, afinal, os líderes religiosos que ocupam os horários dos *mass media*, têm seus discursos religiosos legitimados pela mídia, mesmo que haja uma notável adequação mercadológica em seus conteúdos. A questão ética ganha, portanto, centralidade no presente estudo, inserida nos contextos do fenômeno contemporâneo e vislumbrada a partir do “mercado religioso” midiático. Assim, no percurso conceitual deste trabalho e na observação empírica do nosso objeto, é possível defender a tese de que a característica da racionalidade da vida religiosa moderna, que busca esse constante encantamento por meio dos espetáculos, é uma espécie de motor de produção do alargamento inicial do espírito do capitalismo moderno.

Mesmo que não seja possível afiançar que uma ética religiosa é o que causa, ou ainda que possa suscitar o próprio sistema capitalista, enquanto alavanca do processo civilizatório, procura-se demonstrar como o fenômeno religioso está adquirindo variadas conjecturas, sejam estas da ordem mercantilista, abarcando bens simbólicos ou espirituais, ao fazer do meio midiático, espetáculos ao alcance de todos em prol de propostas de “contrato” de salvação.

Trata-se de introduzir uma discussão teórica, que a princípio recorda algumas interfaces do percurso trilhado pela Teologia e Sociologia da Religião, como forma de explicitação das escolhas teóricas feitas para a abordagem do nosso objeto de dissertação.

Busca-se, portanto, entender, ainda que de forma generalizada, as contribuições mais significativas dos teóricos da Teologia e da Religião, contrapondo, em paralelo, as possíveis limitações de alternativas que encontramos para desnudar o fenômeno social que nos propomos a estudar.

Na abordagem teórica, e em contraposição às visões que apontam para a perda de valores éticos e morais das religiões na atualidade, também enveredamos para escrutinar as correntes de pensamento na Sociologia da Religião que postulam o retorno do sagrado, assegurando que a emergência do pluralismo religioso evidencia um processo de dessacralização, e não secularização, ou ainda de reencantamento do mundo, ao mesmo tempo em que negam o suposto declínio da religião.

## **1 PANORAMA DO BRASIL RELIGIOSO**

Para o primeiro capítulo da nossa dissertação, debruçamo-nos sobre o que entendemos por religião, a contextualização do panorama religioso do Brasil e a apresentação epítome do que entendemos por fé, religião, ética e mídia. Destaca-se, conjuntamente, a pertinência de conhecer a evolução, as nuances e as características religiosas de uma determinada população e o contraponto do valor agregado por estas quatro palavras-chave.

No que tange ao ato ou processo de estudo, a religião importa tanto à teologia quanto à filosofia, antropologia, sociologia, em meio a outras diversas ciências. No arcabouço de toda essa complexidade de sabedorias, consideráveis multiplicidades de definições surgem, não poucas vezes, suscitando juízos deste mesmo fato, chegando a encerrar até mesmo exterioridades colidentes. Consideremos ainda a imensa variedade de experimentos religiosos que dificulta descobrir uma expressão que se amolde a todas as coisas postas em contraste, abarcadas no ponto de vista que certamente se torna genérico e contemplativo. Isto, muito provavelmente, nos sugere um caráter ou uma qualidade de patentear uma definição genérica para o fenômeno religioso. Porém, este quadro não nos inibe tecer alguns esclarecimentos do que entendemos por religião.

Religião engloba basicamente qualquer configuração de aspecto místico e religioso, abarcando grupos sociais, mitologias e quaisquer outras doutrinas ou naturezas de pensamento que tenham como característica basilar um teor metafísico. Entretanto, determinados cristãos rejeitam frontalmente a classificação do cristianismo como religião, calcando-se em sua preeminência e distinção em relação às outras crenças. Todavia, posicionando-se desta forma, provavelmente estará gerando-se uma definição própria do termo, cujo significado tende a tornar inaceitável para enciclopedistas, dicionaristas e estudiosos em virtude da convergência de apresentar definições incompletas em si mesmas. Destarte, independente da discursão teológico-filosófica, podemos conceituar o que seria religião como qualquer coisa que ocupa o tempo e as devoções de alguém, vinculado a sistema qualquer de ideias, de fé e de culto, como é o caso da fé cristã. A devoção encontra-se na origem de toda religião, mas ela não necessariamente abarca diretamente a asseveração da existência de algum ser supremo ou seres supinos.



Segundo Abbagnano, religião é uma “crença na garantia sobrenatural de salvação, e técnicas destinadas a obter e conservar essa garantia”.<sup>1</sup> Essas definições englobam basicamente qualquer forma de aspecto místico e religioso, abarcando seitas, mitologias, códigos éticos e quaisquer outros princípios ou formas de reflexão que encerrem como característica basal um conteúdo transcendental. O fenômeno religião pode ser crido como o procedimento de procura que uma pessoa faz ao esquadrihar a qualidade de Deus em relação à humanidade e ao mundo, desde o experimento subjetivo da qualidade divina até o experimento religioso no reparte da confraria bem como desde a existência em grupo, comunidade ou sociedade até a estrutura pelas reminiscências religiosas. Barth (1872-1968) sublinha que “a religião é um construto humano, a tentativa humana de entrar em comunhão com Deus por conta própria. [...] entende que uma verdadeira religião é possível quando surge a partir da fé. Tal possibilidade somente é real porque Deus se revelou em Cristo”.<sup>2</sup> Alves, por sua vez, argumenta que: “a religião foi aquinhoada com a administração do mundo invisível, o cuidado da salvação, a cura das almas aflitas”.<sup>3</sup> Os dois elementos mais comuns em religiões são rituais e regras. As diferentes religiões abarcam a demanda do sagrado acreditado como santo, apartado, aquilo que difere do sentido comum ou tradicional dos acontecimentos, significando que o sagrado advém da fé que, em termos amplos, se admite por divino ou simplesmente tendo Deus como a senha chave.

Múltiplas são as formas de religião e não poucos os modos aproveitados para classificá-las, todavia, há características comuns que surgem com menor ou maior evidência em praticamente todas as divisões. A consistência de princípios, a profundez filosófica ou teológica, irá dividi-las em religiões com e sem textos sagrados. Esta multiplicidade abarca múltiplos tipos de religião, e não são poucas as maneiras que inúmeros estudiosos valem-se, para rotulá-las em quatro grupos distintos: panteísta (Deus é tudo); ateísmo (Deus é nada); monoteísta (Deus é singular) e politeísta (Deus é plural). As religiões são então um fenômeno inerente à cultura humana, assim como as artes e técnicas, dentre outros elementos. Não foram poucos os movimentos humanos que tiveram a religião como impulsor e autenticador, de distintos prélios hostis, com cernes sociais deliberados com base em crenças diversas e ampla parte do cognitivo filosófico, teológico, artístico e científico. Geertz argumenta que a religião pode ser entendida a partir de cinco pontos fundamentais: 1) um sistema atuante de

---

<sup>1</sup> ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 846.

<sup>2</sup> BARTH *apud* ROSS, 2008, p. 860.

<sup>3</sup> ALVES, Rubem. *O que é religião*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2003. p. 51.

símbolos; 2) o qual estabelece poderosas e penetrantes disposições e motivações; 3) as quais são formuladas por conceitos para uma ordem existencial geral; 4) revestidas elas de fatualidade social; 5) surgem para cada indivíduo como singularmente fatuais.<sup>4</sup> Religião é, em síntese, definida como um sistema de pensamentos, de doutrinas, professado por alguém à procura de Deus impactada por uma percepção fatual de existência.

Ross diz que Schleiermacher (1768-1834), por exemplo, delinea o conceito a partir da expressão do entendimento liberal e romanesco da religião cristã sustentando que “a questão da experiência humana e do sentimento, definindo religião como um sentimento de dependência absoluta”.<sup>5</sup> Alicerçado em uma compreensão romântica de teologia, Schleiermacher asseveraria, conforme Ross, que o sentimento estabeleceria a faculdade característica da existência religiosa. Indo mais além, entenderia que a religião não seria uma questão cognitiva, bem como não seria a atividade que sujeita a vida moral, mas seria, antes de tudo, uma percepção que o ser humano teria de estar tomado por um sentimento. Argumentaria o teólogo a ideia de que a religião e a teologia não teriam relacionamento com a ciência, mas sim com a moral e a religião, velando pela conduta ou procedimentos do indivíduo nestes contextos.

### **1.1 Aportes sobre a evolução das crenças no Brasil**

Houve um substancial crescimento populacional brasileiro, nesta última década. Com uma narrativa escrita sob os contemplos e pareceres do catolicismo romano, o Brasil religioso – ainda com maior número de fiéis voltados para o Vaticano – vem evidenciando em seus derradeiros Censos populacionais que não é mais assim tão católico-romano como antes. O aparecimento e o considerável múltiplo aumento de diversas igrejas evangélicas é um fato real em todos os níveis da sociedade brasileira. O mais recente dado do IBGE, referente ao Censo 2010, traceja que: “os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8%, evangélicos não determinados”.<sup>6</sup>

---

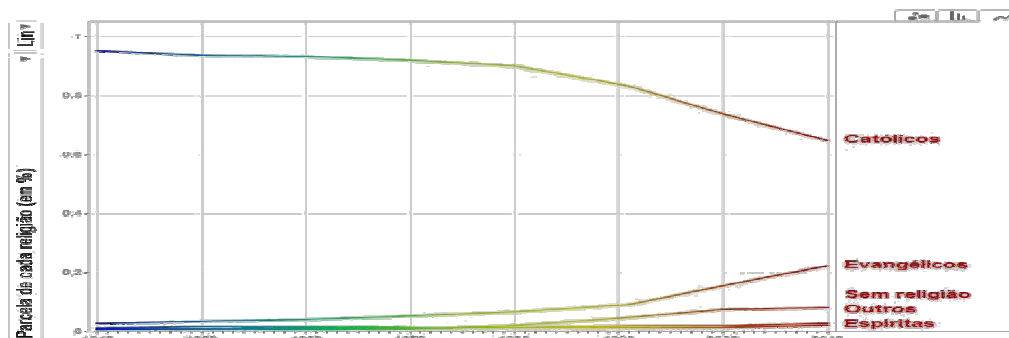
<sup>4</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 67.

<sup>5</sup> SCHLEIERMACHER *apud* ROSS, 2008, p. 860.

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?](http://www.ibge.gov.br/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?)>. Acesso em: 20 jun. 2012.

Continua o avanço quantitativo da população evangélica em relação a católico-romana, como podemos observa o gráfico a seguir:

**Gráfico 1: Comparativo de religiões entre os anos 1940 e 2010<sup>7</sup>**



Fonte: IBGE, 2012.

O Censo de 2000 já apontava para um Brasil se modificando de forma contínua, e o mais recente (2010) confirma a abdicação do tradicionalismo religioso, em detrimento da pluralidade religiosa.

## 1.2. A representatividade numérica das adesões religiosas

Se a preocupação for revelar números com a representatividade capaz de mensurar o perfil religioso brasileiro, esta representatividade, segundo Camurça, estará reduzida, basicamente, ao surgimento de três blocos: “o primeiro diz respeito ao catolicismo, religião majoritária no país, [...]. O segundo, aos evangélicos, que de acordo com os números deste último Censo [...] e o terceiro, aos que se nomeou de ‘sem religião’”.<sup>8</sup>

Segundo o Censo do IBGE 2010:

Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, [...]. O Censo 2010 também registrou aumento entre a população que se declarou sem religião. Em 2000 eram quase 12,5 milhões (7,3%), ultrapassando os 15 milhões em 2010 (8,0%).<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/ibge-população-evangélica>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

<sup>8</sup> CAMURÇA, Marcelo. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 37.

<sup>9</sup> Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao)>. Acesso em: 29 jun. 2012.

O fenômeno do avanço dos evangélicos provavelmente está relacionado nomeadamente a fatores narrativos da religião no Brasil. Em um período menos tardio, a Igreja Católica adentrou no solo brasileiro, durante o período colonial e de maneira predominantemente superior. Mais tardiamente, não passou de aculturação, sustentando um paradigma europeu, assinalado por hierarquia austera e pela continuidade dogmática. Os grupos sociais submetidos aqui no período colonial trouxeram aquilo que Bowker refere como “*religião nativa*, isto é, práticas de pequena escala, confinadas a estirpes, tribos e lugares particulares, porém, não uniformes”.<sup>10</sup> Sua característica predominante é a crença em um número imenso e muito ativo de seres espirituais. Bowker também afirma que “a religião nativa é rica em rituais, constituindo-se como religião de prática e de atividade, tendo pouco apreço por crenças abstratas e por teologia”.<sup>11</sup>

Por sua vez, os evangélicos possivelmente impetraram aproximar-se mais da cultura pátria, mostrando-se ao povo com uma hierarquia mais flexível. Por exemplo, não existe celibato. Os cultos, a eucaristia e a liturgia são norteados pela Palavra de Deus, ou seja, as Escrituras Sagradas, cuja exegese e a hermenêutica são mais livres e maior participação direta dos fiéis nas atividades evangélicas. Concomitantemente os evangélicos conseguiram acompanhar melhor as mudanças culturais, o clero e os líderes são mais manifestos e públicos. Há de se considerar também o fato dos evangélicos desenvolverem um extenso e profundo trabalho de assistência social especialmente nos bolsões dos menos assistidos e nos presídios. Importante e efetiva atuação na recuperação de dependentes químicos, no aconselhamento psicoterapêutico, indiferentemente a adeptos ou não, bem como a estratégia do forte uso da mídia. Por outro lado, não podemos refutar, mesmo que consideradas comparativamente só em termos percentuais, as religiões no Brasil, demonstram uma pluralidade real.

Outra questão que devemos ter em mente na análise do panorama religioso do país é que um bom número de brasileiros frequenta práticas religiosas de vários cultos. Boff assinala que “o povo brasileiro é místico e religioso”<sup>12</sup> e que “o cristianismo ajudou a formar a identidade dos brasileiros”.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> BOWKER, John. *Para entender as religiões*. São Paulo: Ática, 1997. p. 178.

<sup>11</sup> BOWKER, 1997, p. 179.

<sup>12</sup> BOFF, Leonardo. *Depois de 500 anos que o Brasil queremos?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 100.

<sup>13</sup> BOFF, 2000, p. 100.

Obviamente a liberdade religiosa que assistimos nos últimos tempos e a estruturação da sociedade moderna favorecem tanto o crescimento dessa pluralidade religiosa quanto o abandono da religião formal. Antoniazzi<sup>14</sup> lembra Berger, ao ressaltar que a sociedade moderna e urbana tem obrigado às pessoas, provenientes de sociedades tradicionais ou rurais, àquilo que ele chamava o “imperativo herético”, herético no sentido etimológico “que ou quem professa uma heresia; que ou quem professa doutrina contrária ao que foi estabelecido pela Igreja como dogma”.<sup>15</sup> Em outras palavras, a sociedade moderna constata exigir dos seus componentes uma “heresia”. Heresia no sentido literal: *rejeição voluntária de um ou mais artigos de fé. A heresia tanto pode contrariar os ensinamentos quanto os costumes embasados pela Palavra de Deus.*<sup>16</sup> Eles não podem permanecer simplesmente na religião tradicional. Existem as seguintes possibilidades: “ou fazem a escolha de permanecer nela, mas em termos renovados, modernos, urbanos, ou passam a outra religião, também adaptada ao mundo moderno, não puramente tradicional”.<sup>17</sup> Parece-nos evidente que abrolhou, particularmente no Brasil, um novo grupo religioso, a dos evangélicos não praticantes, composto de seguidores que têm fé, mas não estão comungando em nenhuma denominação protestante. O aparecimento deste grupo muito provavelmente também é pertinente à perda de espaço pelos católico-romanos, ainda maior parte, para o aglomerado constituído por protestantes histórico-tradicionais, pentecostais e especialmente neopentecostais.

### 1.3 Os protestantes, os pentecostais, os neopentecostais e os carismáticos

Conceituar e classificar grupos religiosos de essência similar, no campo religioso brasileiro, não se constitui como sendo uma tarefa fácil. Afinal, na mídia, tanto os meios de comunicação de massa, com todo o seu potencial de alcance, como as próprias igrejas cristãs, equivocadamente usam o conceito “evangélico” (entendido com que ou quem se presta em harmonia com os princípios do evangelho de Cristo), como menção de uma definição para protestantes, pentecostais e neopentecostais.

---

<sup>14</sup> BERGER *apud* ANTRONIAZZI, Alberto. As religiões no Brasil segundo o Censo de 2000. *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, 2003. p. 75.

<sup>15</sup> HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1519.

<sup>16</sup> ANDRADE, Claudionor Corrêa. *Dicionário teológico*. 13. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 210.

<sup>17</sup> ANTONIAZZI, 2003, p. 78.

### 1.3.1 Os protestantes

O protestantismo alude aos grupos dissidentes da Igreja Católica Apostólica Romana, oriundas do movimento denominado Reforma Protestante, cuja origem data do século XVI, tendo como ícone do desfecho final o monge saxônico Martinho Lutero (1483-1546). Comumente as diferentes correntes protestantes se dividem em Reforma: Luterana, Zwingliana, Calvinista, Radical e Anglicana. De acordo com o protestantismo, a fonte de fé é a Bíblia Sagrada. Acerca do protestantismo, Dreher assevera que: “as origens do conceito ‘protestantismo’ estão ligadas à Dieta de Espira (Speyer), de 1529”.<sup>18</sup>

O teólogo Zwetsch glosa que o escopo do advento protestantismo é “evangelizar”, apostila: “o protestantismo chegou com o intuito de evangelizar as massas ignorantes do evangelho e para instituir uma nova concepção de civilização”, e arremata que tendo como: “proposta de uma experiência mais emocional da fé por meio do dom do Espírito Santo”.<sup>19</sup>

### 1.3.2 Os pentecostais

Tradicionalmente, identifica-se como movimento religioso pentecostal que, desenvolvido fora do protestantismo tradicional, teve início a partir do avivamento ocorrido no início do século XX, em Los Angeles (EUA), na Rua Azusa. Abarca inúmeras denominações conseqüentemente tendo uma forte influência, até os dias atuais, nas manifestações de religiosidade cristã em muitas partes do Brasil. Intrinsecamente é um movimento de renovação de dentro do protestantismo e coloca ênfase especial em uma experiência direta e pessoal de Deus através do Batismo *com* ou *no* Espírito Santo. Pentecostal alude o que ou àquele que é membro ou adepto do pentecostalismo. Sobre tal movimento, Dreher faz o seguinte escólio:

Há séculos, nossa sociedade só delega a letrados e a doutores as funções de ensinar e de curar, O pentecostalismo rompeu esse esquema. O pentecostalismo assumiu essa função social. [...]. A sabedoria que vem dos livros faz mal à vida espiritual. [...].

<sup>18</sup> DREHER, Martin N. *A igreja latino-americana no contexto mundial*. v. 4. São Leopoldo: Sinodal 1999. p. 215.

<sup>19</sup> ZWESTSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. p. 396-397.

Deus é bom e se preocupa com seus filhos. Por causa dessa bondade, o cristão pode prosperar.<sup>20</sup>

O movimento pentecostal tem uma forte influência, hoje, nas manifestações religiosas brasileiras. Segundo Bobsin, “[...] o pentecostalismo rompe com uma cultura religiosa e política hierárquica na esfera religiosa. O Espírito dá a todos os dons, permitindo, assim, a participação na vida da congregação”.<sup>21</sup>

### 1.3.3 Os neopentecostais

Os neopentecostais são tidos, pelos estudiosos, como pentecostais da terceira geração. Considerável fração do neopentecostalismo se abduziu da autoridade normativa da Bíblia Sagrada em valorização às visões e concepções de seus líderes. O neopentecostal é fruto da modificação da concepção pentecostal que abrolhou no final dos anos 1970, e que ultimamente é frequente nos mais distintos espaços sociais, da mídia ao panorama político. Esta nova confraria evangélica, em muito se sobressai aos pentecostais tradicionais. Trata-se de um novo pentecostalismo, que não se afeiçoa com determinadas coisas como: vestimentas, mídia, costumes, além de ter uma forma distinta de articulação discursiva a respeito de Deus. Dualizam a orbe espiritual dividindo-a entre Deus e o Diabo. Sustentam a ideia de que o mundo está assumido por demônios, sendo sua missão expulsá-los. Defendem e apregoam enfaticamente a prosperidade como meio de existência. Atesta a transigência, o rompimento com o ascetismo e a gradativa adequação destes religiosos e suas denominações à comunidade, ou sociedade, à cultura de consumo e de mercado. O mercado impõe regra cujo lema é: *tem de vencer*. Segundo Mo Sung: “até a religião deve se abdicar da referência à transcendência, o que está além do mercado e de todas as instituições humanas, e servi-lhe. O mercado é transcendentalizado, isto é, elevado à condição de sobre-humano absoluto. É o ídolo”.<sup>22</sup>

Atribuem a pobreza a artes satânicas, a doença física a ações do Diabo que só existem em quem não crê ou não tem fé em Deus. Em seus cultos há sempre uma predominância de emoções visando uma libertação do universo diabólico. Bobsin tece a seguinte conclusão:

---

<sup>20</sup> DREHER, 1999, p. 230-231.

<sup>21</sup> BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. São Leopoldo: CEBI/EST; Curitiba: PPL, 2002. p. 73.

<sup>22</sup> MO SUNG, Jung. *Desejo, mercado e religião*. São Paulo: 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 130.

Ao tripé “batismo do Espírito Santo, dons e a segunda vinda de Cristo”, como aspectos doutrinários que nortearam o pentecostalismo que se implantou e se desenvolveu com muito sucesso, sucede a tríade neopentecostal: cura, exorcismo e prosperidade. Evidentemente, o pentecostalismo tradicional ainda cresce e se firma em nosso meio, mas quem está no topo da “glória” é o neopentecostalismo.<sup>23</sup>

Dois pontos contribuem deliberativamente para tal. Primeiro, o neopentecostalismo não tem uma teologia sistemática. Segundo, ao se nortear pelos discursos de seus líderes como se fossem manifestações inspiradas diametralmente do Espírito de Deus, o movimento se tornou um conjunto de dogmas da fé cristã ambígua, confusa, face aos seus líderes ou dirigentes. Estes são contumazes ao fazerem asseverações não visivelmente colidentes, mas ao analisá-las, notamos que são contrapostas e conflitantes entre si. Para os neopentecostais, enfermidades e miséria econômica são maldições da lei. A concepção de salvação é de caráter material, abrangendo a saúde física, financeira e as relações conjugais. Na mídia, são comuns nos programas vinculados às denominações neopentecostais o uso de termos, como por exemplo: “vamos tomar posse da vitória”, “a história da tua vida mudar”.

Os textos bíblicos são de forma astuciosa e estrategicamente apresentados, acompanhados de “eisegeses”, distorcidas hermeneuticamente, transcritas e transmitidas. No que tange à soteriologia há um colapso. Enquanto a teologia da libertação, que admitiu uma interpretação marxista e apontou a salvação como alforria da tirania econômica, o neopentecostalismo marcou a salvação eterna como emancipação dos problemas financeiros, no plano pessoal.

#### *1.3.4 Os carismáticos*

Etimologicamente carismático está relacionado ao carisma. O Léxico Dicionário Teológico Enciclopédico afixa: “entende-se por carisma um dom espiritual concedido por Deus a um crente, o qual, fazendo uma experiência religiosa de especial intensidade, é capaz de influenciar de modo extraordinário a vida espiritual de um grupo ou de uma época histórica”.<sup>24</sup>

A origem etimológica do termo “carisma” gira em volta de uma área de ditos de um “dom recebido do alto”. Pode ser um dom divino, uma graça, uma característica, uma energia.

<sup>23</sup> BOBSIN, 2002, p. 88.

<sup>24</sup> PACOMIO, Luciano; MANCUSO, Vito. (Orgs.). *Lexicon dicionário teológico enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 94.



Na concepção de uma das perícopes clássicas da Bíblia Sagrada, está precisamente no Evangelho Segundo Lucas 1.30-31. Acerca da expressão carisma, o Vocabulário de Teologia Bíblica delinea que: “no NT esse termo nem sempre tem sentido técnico. [...]. Pode designar todos os dons de Deus, que são irrevogáveis (Rm 11.29), notadamente o ‘dom de graça’ que nos vem por Cristo (Rm 5.15 ss) e que desabrocha em vida eterna (Rm 6.23)”.<sup>25</sup>

Carisma aponta para um dos inúmeros dons espirituais ou graças doadas pelo Espírito Santo de Deus especialmente para serem utilizadas na Obra de Deus. Entretanto, não são poucos os eventos e episódios cuja utilização se dá de forma bastante contraditória. A palavra carisma sugere três linhas de definições: primeiramente, em uma linha teológica, é definida como um dom respeitável e divinal conferido a um crente ou grupo de crentes em Cristo Jesus, visando o bem da comunidade. Segundo, em uma linha sociológica, é deliberada como uma autoridade, encanto irresistível desempenhada sobre determinado grupo de indivíduos, provavelmente procedido de poderes sobre-humanos. Terceiro, por afinidade, delibera sobre um conjugado de habilidades e/ou faculdade de encantar ou extasiar, de seduzir ou engodar, manipular que induz uma pessoa a despertar de imediato a aceitação e a atração das massas. Acerca desse prodígio, argumenta Weber: “a expressão ‘carisma’ deve ser compreendida como se referindo a uma qualidade extraordinária de uma pessoa, quer seja tal qualidade real, pretensa ou resumida. [...] A legitimidade do domínio carismático baseia-se, assim, na crença nos poderes mágicos, revelações e culto do herói”.<sup>26</sup> Blackburn esboça que: “a liderança carismática urge apenas em períodos ou lugares onde as normas racionais e as formas de autoridade tradicionais têm fraca aceitação; o dirigente carismático preenche então o vazio”.<sup>27</sup> O atual movimento carismático é fenômeno surgido no século XX, sendo atualmente uma das mais populares e crescentes forças cristãs.

#### **1.4 Panoramas dos protestantes e evangélicos no Brasil**

O fato é que a presença do protestantismo no Brasil remonta desde a sua colonização, ou como argumenta Mendonça, “se quisermos ser rigorosos, até mesmo antes da colonização, já que a primeira aparição do protestantismo se deu no cenário da Colônia Portuguesa, em

<sup>25</sup> LÉON-DUFOUR, Xavier; DUPLACY, Jean; GEORGE, Augustin; GRELOT, Pierre; GUILLET, Jacques; LACAN, Marc-François (Orgs.). *Vocabulário de teologia bíblica*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 132.

<sup>26</sup> WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982. p. 340.

<sup>27</sup> BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 52.

1545, quatro anos antes da chegada do primeiro governador geral no Brasil”.<sup>28</sup> A expressão *protestante, a priori*, foi aposto aos reformadores, mas, *a posteriori*, foi empregada para delinear todas as coligações que protestavam contra a Igreja Católica Romana. O protestantismo é uma das constitucionais divisões, ao lado do catolicismo romano e do catolicismo ortodoxo, todos originários do cristianismo. A história do protestantismo, na realidade, de acordo com Mendonça, pode ser dividida em três categorias: “protestantismo de invasão, de imigração e de conversão ou missão”.<sup>29</sup> Aqui nos deparamos com a dificuldade de separação dos termos “protestantes” e “evangélicos” no Brasil.

Os perfis socioeconômicos e demográficos dos evangélicos pentecostais e protestantes históricos do Brasil são bastante diferenciados. A maior parte dos pentecostais tem renda e escolaridade inferiores à média da população brasileira. De maneira contrária, os protestantes históricos ou evangélicos de missão apresentam renda e escolaridade mais altas, inclusive bem superiores à média nacional, sendo notável que os níveis escolares deste grupo são elevados e nas faixas salariais recebem entre seis e vinte salários mínimos.<sup>30</sup> As questões a serem respondidas quando analisamos o quadro religioso brasileiro, uma delas é saber para onde estão migrando os protestantes históricos, que não experimentam crescimento numérico como os denominados de pentecostais. Nessa vertente, Mendonça argumenta que a simples observação do protestantismo tradicional nos leva a constatar que o frequente abandono da religiosidade ocorre, normalmente, na segunda geração de protestantes históricos.<sup>31</sup> Esse abandono advém do distanciamento que Mendonça denomina de “cansaço da religião” e pontua que: “a solidão da fé protestante, a exclusiva dependência individual tanto quanto à ética como à salvação, assim como o contínuo envolvimento nas atividades paroquiais tidas como dever inelutável, contribuem muito para esse cansaço ou enfado”.<sup>32</sup>

O fato é que há, também, outros aspectos que colaboram para a queda numérica do protestantismo tradicional no Brasil, tido como protestantismo de imigração ou colonização.

---

<sup>28</sup> MENDONÇA, Antônio G. Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 49.

<sup>29</sup> MENDONÇA, Antônio G. Protestantismo brasileiro: uma breve interpretação histórica. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luiz M. S. (Orgs.). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 76.

<sup>30</sup> BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. *Opinião Pública*, Campinas, v. 10, n. 2, out. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v10n2/22020.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2012.

<sup>31</sup> MENDONÇA, 2006, p. 90.

<sup>32</sup> MENDONÇA, 2006, p. 90.

Nesse caso, é necessário considerar o próprio processo de aculturação. Ou seja, o protestantismo de imigração, que tem como principal referencial a Igreja Luterana, após quase dois séculos e seis gerações, tem experimentado o desgaste cultural da tradição, o que, inevitavelmente, acaba por influenciar a religião de forma bastante perceptível.

Siepierski<sup>33</sup> afirma que provavelmente a melhor síntese das principais ênfases do pentecostalismo esteja expressa na apresentação da Igreja do Evangelho Quadrangular: “Jesus salva, Jesus batiza com o Espírito Santo, Jesus cura, e Jesus voltará”.<sup>34</sup> Para a maioria dos pentecostais, carismáticos e neopentecostais, o batismo do Espírito Santo estabelece normas de comportamento e conduta para uma vida santa e que busca a perfeição cristã verificada em Jesus Cristo. Estes grupos costumam discriminar crentes que nas suas concepções não foram ou não são batizados com o Espírito Santo. Entendemos que não seria demasiado asseverar que, atualmente, há uma geração de conflito em torno do tema “batismo com o Espírito Santo” e o “dom de línguas”. Tal fato não advém da ideia de que a Bíblia Sagrada seja hermética na sua instrução alusiva à questão, mas face ao experimento, e não que ela, as Escrituras Sagradas, tem ditado o modo de se entender esse princípio bíblico extraordinário. Com alusão à doutrina da cura divina operada através do nome poderoso de Jesus Cristo, encontra seu respaldo através dos relatos bíblicos de curas e da própria afirmação de Jesus, ao dizer que coisas maiores do que as que ele fez, poderão ser feitas através da fé, segundo relatos no Novo Testamento (NT) precisamente no Evangelho Segundo Mateus (Mt 17.14-20).

O neopentecostalismo, na esfera teológica, distingue-se por destacar o que eles denominam de “guerra espiritual contra Satanás” e seus prosélitos terrenos, difundindo a teologia da prosperidade cuja concepção é que o crente ou fiel em Jesus Cristo tem que ser profícuo, afortunado, vencedor em todas suas ações e atividades terrenas e por recusar as práticas, tradicionais costumes e ritos concernentes ao pentecostalismo. Não são poucos os líderes e pastores adeptos do neopentecostalismo que lançam mão de argumentos e estratégias, especialmente utilizando maciçamente a mídia, difundindo que são porta-vozes iluminados e norteados por Deus, para se promoverem.

---

<sup>33</sup> SIEPIERSKI, Paulo. A emergência da pluralidade religiosa. *I Simpósio sobre História das religiões*, UNESP-Assis, 25 e 26 de junho de 1999.

<sup>34</sup> “A Igreja do Evangelho Quadrangular, baseada na Bíblia, tem um enfoque profundamente Cristo-cêntrico e é uma das igrejas pentecostais pioneiras do avivamento carismático do início do século XX D.C”. IGREJA DO Evangelho Quadrangular. Disponível em: <<http://www.quadrangular.com.br>>. Acesso em: 25 de out. 2011.

### 1.4.1 A fé

O termo fé, do latim *fides*, proveniente do grego *pistis*, significa estável juízo de que alguma coisa é verdade, isento de qualquer tipo de prova ou juízo crítico, objeto de averiguação ou investigação, face incondicional fidúcia que creditada neste juízo ou fonte de difusão. Monloubou e Du Buit sustentam que: “a fé bíblica não é apenas um ato pelo qual a inteligência adere às definições de suas relações com Deus apresentadas pela comunidade; ela é um ato complexo que envolve o homem como um todo, em face de uma pessoa reconhecida em toda a sua riqueza”.<sup>35</sup> É possível ter fé e duvidar concomitantemente, pois ela segue a recusa à incerteza pela incompatibilidade intrínseca à natureza desta lógica conceitual e fatores psicológicos. Boehner e Gilson sustentam que “a primazia da fé sobre a razão significa, além disso, que a nossa especulação metafísica deve arrancar das verdades da fé”.<sup>36</sup> Semanticamente a expressão fé se concatena com o vocábulo crer, considerando que o mesmo acontece em relação aos também verbos apostar, acreditar e confiar, entretanto estes, não necessariamente traduzem o sentimento de fé em face de possibilidade de eles marchetarem suspeição tendenciosa como admitir um provável equívoco.

Aulén, em uma definição preliminar da expressão fé, delineia que: “fé é a expressão inclusiva aplicada à relação cristã entre Deus e o homem. A fé cristã é de caráter teocêntrico, isto subtende o que Deus é o seu alvo único e que nessa relação Deus é o soberano”.<sup>37</sup> O relacionamento entre fé, apostar, acreditar e confiar versa em sustentar uma sensibilidade de afeição ou amor, pressupondo que apostar, acreditar ou crer seja veracidade. Isso nos sugere que apostar, acreditar ou crer em alguma coisa não significa que se tenha fé. Filosoficamente, Japiassú e Marcondes delineiam fé como: “atitude religiosa do verdadeiro crente que se liga a Deus por um ato voluntário, a partir de uma testemunha de origem sobrenatural”.<sup>38</sup> Fé é agir em conformidade com que se crê. Crer é o ponto inicial de partida. A fé exige ação e necessita de tempo para evoluir e torná-la consistente. Crer em alguma coisa jamais mudará suas circunstâncias, mas paradoxalmente, a fé modificará. Todo o ser humano independente do seu relacionamento com Deus, seu Criador, possui aquela fé que é humana, natural. Tillich glosa

<sup>35</sup> MONLOUBOU, L.; DU BUILT, F. M. *Dicionário bíblico universal*. 2. ed. 1996. p. 286.

<sup>36</sup> BOEHNER, Philotheus; GILGON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 256.

<sup>37</sup> AULÉN, Gustaf. *A fé cristã*. São Paulo: ASTE, 2010. p. 35.

<sup>38</sup> JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 100.

que “a fé engloba [...]: conhecimento direto, do qual provém a certeza, e incerteza. Aceitar os dois é ter coragem”.<sup>39</sup>

A fé cristã é fato bastante comum e evidente nas Escrituras Sagradas, especialmente no Novo Testamento; vivenciada no cotidiano do ser humano é tema inserido na nossa reflexão, também calcada em diversos autores que se debruçaram sobre o tema. Fé cristã é assim reforçada pela concepção boffiana:

Testemunha que Jesus Cristo Deus se fez outro, [...] Fé cristã somente é verdadeira se continuamente como Deus na encarnação, assumir o diferente dela, o mundo, a realidade mais adversa, e reconciliar e reunificar no perdão e na misericórdia. [...] Ora, fé cristã que se faz a verdade, se faz liberdade e libertação, não recalando o processo de opressão e a carga desumana do sofrimento do mundo, mas assumindo-os como fez o Filho do Homem e o “homem das dores” (Is. 5,5), curtindo sua absurdidade, sofrendo não as próprias penas, mas penas de Deus no mundo.<sup>40</sup>

Pelo exposto a concepção da fé cristã, respalda na exclusiva confiança em relação a Deus, abarcando o compromisso de alguém com a vontade do Senhor. A fé é um elemento essencial na vida espiritual. Também ficou explícito que na concepção da fé, aflora duas vertentes. Numa vertente o receio ou desconfiança é inadmissível, mas numa outra, mesmo inserido numa conjuntura cristã, paradoxalmente acolhe suspeição. Ressaltamos que nos tempos atuais, a fé tem tido o seu significado fragilizado, de modo que não poucos a utilizam para apontar autoconfiança.

#### 1.4.2 A ética

Ética, etimologicamente, é um termo de origem grega, e tem seu correlativo no latim “morale”, com duas procedências presumíveis. A primeira é o termo grego *ethos*, com “e” curto, que pode ser traduzido por costume e serviu de pilar para a tradução da expressão no latim: moral. A segunda de igual modo escreve-se *ethos*, sendo que com “e” longo, cujo significado alude à propriedade do caráter, e de certa forma, norteia o emprego atual que identificamos como expressão ética. Abbagnano define ética como:

Em geral, ciência da conduta. Existem duas concepções fundamentais dessa ciência: 1ª a que a considera como ciência do *fim* para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos *meios* para atingir tal *fim*, deduzindo tanto o *fim* quanto os meios da

<sup>39</sup> TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 15.

<sup>40</sup> BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 64-65.

*natureza* do homem; 2ª a que a considera como a ciência do móvel da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta.<sup>41</sup>

A ética é um fenômeno genuinamente humano, tendo como função primária dar um norteamento estável, descobrir caminhos que conduzam até um escopo, e gerar um estilo e uma maneira qualitativa de vida que seja racional com a concepção, projeto e os valores que dignificam a existência. Lima Vaz assevera que o homem é, “desde sempre, um ser social e ético” e delinea que:

A ética é a “ciência do *ethos*”. Seu objetivo é primeiramente a realidade histórico-social do *ethos*, dos costumes reconhecidos e obedecidos pelo grupo social e segundo os quais se ordena a conduta dos indivíduos como ação singular (práxis) e também como paradigma permanente de conduta (*hexis* ou hábito). A ética parte do pressuposto de uma racionalidade imanente ao *ethos* e sua tarefa como disciplina filosófica consiste essencialmente em explicitar as razões do *ethos* ou em elucidar a inteligibilidade da práxis ética em suas diversas dimensões e estados.<sup>42</sup>

Nos dias de hoje, articular sobre ética é uma empreitada desafiadora, pois os valores e os costumes da sociedade têm se transformado com abissal aceleração. Isto postol, é possível sugerir que não são poucas as posições éticas tomadas pelos indivíduos. Inexiste um paradigma comum na atitude dos indivíduos encararem os questionamentos, que abarcam a sua vida. Segundo Schaper, é possível dividi-las em duas: as intelectuais e as virtudes morais, sendo que a primeira ele denomina de “virtude dianoética”, e estas abrolham e medram decorrentes dos resultados da aprendizagem, ou seja, da educação, o que demanda experiência e tempo. Já a segunda, ele cognomina de virtude moral.<sup>43</sup> Ela não é gerada no indivíduo via natureza, mas a ele amoldada para granjeá-la e por conta do *ethos* que produz no indivíduo, tornando-o capaz de *práxis* do bem e da justiça. Ribeiro focando o discurso sobre as virtudes glosa que:

[...] a obra humana por excelência é a realização da própria vida orientada pela razão prática. Razão prática que pode ser pensada operando na vida ética do sujeito e da comunidade a partir das virtudes. Virtudes como qualidades do sujeito, mas também como movimento do sujeito para um contínuo crescimento na vida humana.<sup>44</sup>

<sup>41</sup> ABBAGNAMO, 2000, p. 380.

<sup>42</sup> LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Ética e direito*. São Paulo: Landy/Loyola, 2002. p. 267.

<sup>43</sup> SCHAPER, Valério Guilherme. Ética, justificação, santificação: uma aproximação a partir da virtude? In: WACHHOLZ, Wilhelm (Org.). *Identidade evangélico-luterana e ética: Anais do III Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana*. São Leopoldo: EST, 2005. p. 129-137.

<sup>44</sup> RIBEIRO, Elton V. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Loyola, 2012. p. 168.

Vivenciamos uma sociedade que admite as seguintes posições de alternativas éticas: deontologia, quando o conceito baseado em paradigmas pré-estabelecidos, almeja valor para todos os indivíduos em todos os períodos; teleológica, quando o conceito do correto ou não correto está sujeito aos resultados positivos das atitudes das pessoas, e cujo resultado é o que delibera ser correto e não correto; situacionista, quando o correto ou não correto estão ligados ao contexto social e cultural, e a deliberação é adotada, sendo as normas alternadas e pactuadas com as transformações sociais. Para Boff:

[...] vivemos hoje grave crise mundial de valores. É difícil para a grande maioria de a humanidade saber o que é correto e o que não é. Esse obscurecimento do horizonte ético redundando numa insegurança muito grande na vida e numa permanente tensão nas relações sociais que tendem a se organizar ao redor de interesses particulares do que ao redor do direito e justiça. Tal fato se agrava ainda mais por causa da própria dominante de economia e do mercado que rege pela competição, que cria oposições e exclusões, e não pela cooperação que harmoniza e inclui.<sup>45</sup>

A ética cristã não é algo mais tardio no seio da história da Eclésia. A necessidade fez com que fosse pensada e estabelecida, visando melhorar a existência e o relacionamento entre a sociedade cristã e toda a humanidade. Para abeirar-se nas distintas formulações que temos atualmente, desenvolveu um difuso processo. Este, por sua vez, não adveio de forma unidimensional, mas sim de forma progressiva, delineada em pontos altos e baixos. O modo de pensar e de agir, calcado na ética cristã, tem amplo embasamento nas Escrituras Sagradas: “não vos torneis ocasião de escândalos, nem para os judeus, nem para os gregos, nem para a Igreja de Deus” (1Co 10.32).

As religiões continuam sendo nichos de valor privilegiados para a maioria da humanidade. Para Bonhoeffer:

[...] uma ética cristã deverá iniciar com a pergunta se e em extensão o “ético” e o “cristão” podem ser tratados como tema. Isso não é tão evidente como poderia parecer diante do desassombro com que aconteceu e acontece. Na verdade, só se pisa o terreno da ética cristã propriamente dita onde se reconheceu como é questionável fazer do “ético” e do “cristão” assunto das próprias reflexões, discussões ou até tratados científicos.<sup>46</sup>

A ética cristã está alicerçada na ética: *teocêntrica* (revelação de Deus e sua aspiração [Mq 6.8]); *cristã* (condicionada a Cristo Jesus [Ef 4.11-13]); *evangélica* (as atitudes, o caráter do cristão revela ao seu semelhante o que Deus fez em sua vida e o amor de Deus pelo ser

<sup>45</sup> BOFF, Leonardo. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 27.

<sup>46</sup> DIETRICH, Bonhoeffer. *Ética*. 9. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 167.

humano [1Pe 3.14-17]); *imutável* (princípios morais estabelecidos por Deus nas Escrituras Sagradas [1Jo 3.4]); *absoluta* (todos os indivíduos estão debaixo dos mandamentos de Deus, e a quebra desta lei se constitui em transgressão, resultados em pecado (1Jo 3.4)); *abrangente* (inexiste uma área da vida humana para qual Deus não tenha determinado suas normas, na vida: pessoal, na igreja, em família, profissional, em todas ações espirituais e seculares (Cl 3.5-16;18-25). Certamente também podemos definir ética cristã como os princípios que são dimanados da fé cristã e pelos quais obramos. As Escrituras Sagradas quiçá não cubra cada situação que temos de fazer frente em nossas vidas, seus princípios nos dão os paradigmas pelos quais devemos atuar nas circunstâncias em que não temos ensinamentos explícitos. Quando se alude à reflexão ética, a ideia do bem e do mal parece algo corriqueiro, entretanto Bonhoffer questiona tal concepção ao declarar que: “primeira tarefa da ética cristã consiste em suspender esse saber. [...] É só com extrema reserva que a própria Bíblia nos indica que Deus é o conhecedor do bem e do mal”.<sup>47</sup>

Reifler define ética cristã como “o estudo sistemático e prático da vida moral do homem determinado por seu valor e sua norma cristã, como revelado nas Sagradas Escrituras”,<sup>48</sup> e delinea a seguinte diferença entre a ética secular e a ética cristã: (1) - Ética secular: ciência de costumes e hábitos; descritiva; relativa; imanente; situacionista; subjetiva e mutável. (2) - Ética cristã: revelação da vontade divina; normativa; absoluta; transcendente; direcionista; objetiva e imutável.

Focando a dimensão contextual da ética cristã, no Novo Testamento, mais precisamente na epístola aos Romanos (12.10) temos: “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros”.<sup>49</sup> Nesta perícopie bíblica, evidenciamos a ética cristã em relação à práxis do amor. Ressaltamos que o amor não é tão somente um dos atributos de Deus, mas igualmente parte essencial de sua natureza. Em 1 Co 13. 2s, cuja temática é a “suprema excelência da caridade”, aponta como palavra chave o amor. Esta perícopie faz a seguinte afirmação: “Ainda que eu tenha o dom de profetizar [...] ainda que eu tenha tamanha fé [...] ainda que eu distribua todos os meus bens [...] e ainda que entregue o meu próprio corpo [...] se não tiver amor, nada disso me aproveitará”. Uma hermenêutica em cima do texto em epígrafe nos induz a entender que dom, expressiva fé,

<sup>47</sup> DIETRICH, 2009, p. 15-16.

<sup>48</sup> REIFLER, Hans U. *A ética dos Dez Mandamentos*: um modelo de ética para os nossos dias. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 16.

<sup>49</sup> BÍBLIA de Estudo Palavras-Chaves Hebraico Grego. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 1190.



humanidade, fraternidade, sacrifício, ação, comunhão, serviço e a piedade que abrolha no coração e arraigada no espírito podem existir desprovida de amor. Segundo Bonhoeffer “o amor seria, então, um ethos superior de ordem pessoal, que entra como complementação e aperfeiçoamento ao lado do ethos inferior relativo a questões de ordem e objetividade”.<sup>50</sup>

Entendemos ainda que para o cristão a relação ética passa por três momentos:

1. No que tange à ética social, versa sobre as questões éticas do homem para com o próximo. Estas questões abarcam a conservação da vida, o exercício livre dos seus poderes, a gestão de seus bens, à verdade em todas as afinidades e ao acolhimento de um consangüíneo;

2. No que se refere à ética individual, o amor encetado pelo autocontrole, isto é, principia do interior e conduz para o exterior. A conservação própria é categoricamente extraordinária.

3. E por fim, no que acena à ética teísta, aproximar-se o zelo ético à conduta do ser humano em suas afinidades para com Deus.

Não podemos ignorar que nos dias de hoje perdura um período em que os escopos, os valores basais que determinam as ações do indivíduo são o encanto, o deleite e a prosperidade pessoal. Isto atrai uma considerável quantidade de pessoas a buscarem na religião uma via de acesso para obterem tais escopos, que na realidade são totalmente adversos à vontade de Deus para as nossas existências. No universo dos cristãos, são vários os obstáculos que rodeiam as *práxis* da ética cristã. Podemos citar: a coação exercida pela sociedade; a ausência de convicção dos princípios de Deus; a equivocada decisão entre a vida cristã e a vida secular; o fato de se ignorar as Sagradas Escrituras como suma autoridade da existência, inspirada pelo Espírito Santo de Deus, sua infalibilidade; assim como, sua vivência debaixo de um legalismo. A ética protestante, admitida por não poucas denominações evangélicas, particularmente as simpatizantes da teologia da prosperidade, em geral, valorizavam a competitividade e a busca do lucro.

A ética cristã concebe a reflexão desde o comprometimento, o empenho, o dever de esquadrihar, cultivar um justo bem-estar socioeconômico para com seu semelhante. A ética cristã é parte integrante da própria vida da pessoa cristã, só tem sentido e coerência quando se transforma em *práxis*. A ética cristã necessita ser constituída, a partir de Jesus Cristo, que é o baldrame e a fonte de toda cristã e por extensão de toda a ética que almeja ser tida como cristã.

---

<sup>50</sup> DIETRICH, Bonhoeffer. *Ética*. 9. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 35.

Nesta linha de raciocínio, o preceito teológico da ética é um ato em conformidade com relação à vida cristã. Podemos afirmar, assim, que a ética está relacionada a comportamentos, princípios e moral. Segundo Azpitarte:

[...], têm surgido denúncias contra a própria apresentação do problema ético ou contra determinadas formas de vivê-lo. Toda crítica, por mais falsa que seja, contém sempre uma parte de verdade; além disso, seria desonesto não reconhecer o que de falso e mentiroso tem existido em nosso comportamento cristão. Apesar de todas as dificuldades, a moral se impõe como uma exigência de nossas antropologias. O ser humano é obrigado a ser ético por sua própria natureza, à qual inevitavelmente ele deve imprimir uma orientação em função do sentido que quiser dar à sua existência.<sup>51</sup>

Isto sugere a seguinte indagação: afinal o que convém e o que não convém? Independente da aceitação do indivíduo baseia-se em valores dados por Deus, ensinados nos textos considerados sagrados, isto é, normativos. Em contraste com as obras pecaminosas, temos o modo de viver íntegro e probo que a Bíblia Sagrada denomina “o fruto do Espírito” conforme Gl 5.22-23: “entretanto, o fruto do espírito é: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas virtudes não há Lei”.

#### 1.4.3 A Evangelização

Entendemos como evangelização o ato, processo ou efeito de enunciar a doutrina dos Evangelhos de Cristo Jesus. Isto sugere que evangelização está relacionada a evangelhos. Certamente Os Evangelhos são um gênero literário cristão primitivo que narram a passagem de Jesus Cristo ocorrido durante sua primeira vinda a Terra, cujo escopo é preservar seus ensinamentos e manifestar aspectos da natureza de Deus. Evangelho é originária do termo grego euaggellion (εὐ/αγγελ/λλιον) cujo significado inicial apontava para recompensa por dar boas novas, mas a posteriori passou a ter o sentido de “boas novas”. O Evangelho apregoa que o reino de Deus e da salvação eterna única é exclusivamente por meio da graça do Único e Suficiente Salvador Senhor Jesus Cristo. São mensagens diretas, sem estratégias, de fé, totalmente gratuitas, advinda da graça e pela graça e amor de Deus, calcadas na própria morte expiatória, ressurreição e ascensão para glória do Pai, consta nos relatos das Escrituras

<sup>51</sup> AZPITARTE, Eduardo L. *Fundamentação da ética cristã*. São Paulo: [s.e], 1995. p. 11.

Sagradas, no Novo Testamento mais precisamente nos: Evangelhos de Mateus, Marcos e (At 15.7; 20.24; 1Pe 4.6; Ap 14.6). Acerca do termo evangelho Bortolletto cita que:

Jesus se vale dessa expressão concreta. Ele é o portador da enorme novidade do reino de Deus que afetará a vida concreta de pessoas e comunidades e de seus horizontes da vida. [...]. Evangelizar e evangelho se referem ao mesmo fenômeno que constitui um novo eixo em torno do qual a vida e sua cotidianidade se reorganizam. Assim, o *evangelho* não pode ser reduzido exclusivamente a um conjunto de doutrinas abstratas ao qual se é convidado a aderir pela fé, sendo esta considerada apenas como um sentimento. Ele é o poder de Deus para a salvação experimentada agora e esperada para eternidade.<sup>52</sup>

Abbagnano cita que “Orígenes empregou essa expressão para designar a revelação das verdades superiores que Deus faz aos sábios em todas as épocas do mundo, capaz de integrar e corrigir a revelação contida no E. histórico”.<sup>53</sup> O termo evangelho tem sido seguido desde a Reforma Protestante de Martinho Lutero, por determinados grupos fiéis adeptos ao cristianismo, que julgam que retrocederam a Bíblia Sagrada, em grau marcante de diferença com o sistema clássico. Vale aqui ressaltar que o tema autoridade das Sagradas Escrituras fomenta uma demanda enclausurada que abstrai os tidos como evangélicos das demais coligações protestantes. Enquanto a ala menos radical entende que a inspiração verbal e a inerrância da Bíblia Sagrada não é algo necessário para fé viva, paradoxo a tal concepção é o juízo da ala mais radical.

#### 1.4.4 A Mercantilização da Fé

O termo mercantilização está diretamente relacionado a mercantilizar, significando a ideia definida de tornar mercantil, anuir ou ser aderente do mercantilismo, ter propensão a sujeitar ou relacionar qualquer coisa com interesse comercial visando o lucro ou algum tipo de vantagem. Bueno,<sup>54</sup> define mercantilização como “esforço para reduzir tudo a comércio, a negócio” e mercantilismo como “predomínio do interesse ou do espírito mercantil”. Estas descrições nos sugerem a ideia de que “mercantilização da fé” se trata de um tipo de comercialização em que o produto de barganha é a fé. A propensão de sujeitar ou relacionar qualquer coisa com interesse comercial dá margem ao oportunismo mercantilista que se encontra continuamente à espreita com múltiplas e onerosas propostas. As práxis litúrgicas, as

<sup>52</sup> BORTOLLETO, Fernando (Org.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTER, 2008. p. 406-407.

<sup>53</sup> ABBAGNANO, 2000, p. 391.

<sup>54</sup> BUENO, Silveira. *Dicionário Silveira Bueno: com a nova reforma ortográfica da língua portuguesa*. São Paulo: Didática Paulista, 2009. p. 590.

doutrinas calcadas da Teologia da Prosperidade, as manipulações mercantilistas em torno da fé muito bem engendradas e interiorizadas e exteriorizadas no meio neopetencostal encontram enorme aceitabilidade por parte de seus adeptos ou simpatizantes. Muito provavelmente o próprio mercado da fé incita sua praticidade por meio dos mercadores que se utilizam da precariedade espiritual dos que buscam desesperadamente por experiências e não a verdade bíblica. Ressalvamos que no bojo da mercantilização em epígrafe a promessa da graça de Deus e a mensagem do Evangelho são produtos expostos para transações.

Este panorama nos sugere algo muito parecido com a exposição contida em trechos do Manifesto do Partido Comunista, em que Marx e Engels divulgaram:

[...] é o produto de um longo processo de desenvolvimento, de uma série de revoluções no modo de produção e de troca. [...] afogou os fervores sagrados do êxtase religioso, [...]. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas com tanto esforço, pela única e implacável liberdade de comércio. Em uma palavra, em lugar da exploração velada por ilusões religiosas [...] colocou uma exploração aberta, cínica, direta e brutal. [...] rasgou o véu do sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a simples relações monetárias. [...]. Assistimos hoje a um processo semelhante. As relações [...] de produção e de troca, [...] que fez surgir gigantescos meios de produção e de troca, assemelha-se ao feiticeiro que já não pode controlar as forças internas que pôs em movimento com suas palavras mágicas.<sup>55</sup>

#### 1.4.5 A mídia: “mass media”

Vivenciamos o magnífico desenvolvimento ensaiado pelas técnicas de comunicação germinadas a partir dos anos 1970. A mídia nomeia, de forma universal, todos os meios de comunicação, ou seja, os veículos que são empregados para a difusão de conteúdos de publicidade, propagandas e religiosidades. A mídia pode apresentar os seguintes significados: meios de comunicação, veículos de comunicação, comunicação de massa, como área da publicidade responsável pela veiculação de anúncios e como armazenamento de suporte no qual pode se registrar a informação digital. Ela, a mídia, que representa os meios de comunicação, possui tecnologias que estão contidas nos seguintes veículos de comunicações: a televisão, a imprensa escrita (jornais e revistas) e falada (emissoras de rádios AM/FM), a internet, todos empregados para comunicação de massa. Segundo Lopes, “o mercado, a

<sup>55</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto do Partido Comunista*, 1848. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/manifestocomunista.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

técnica, a mídia, representam a nova encarnação de um destino sem controle e totalmente confiável”.<sup>56</sup>

Uma das características típicas dos meios de comunicação de massa é a chance que apresentam de alcançar concomitantemente uma ampla assistência, ou, no curto espaço de tempo, incalculáveis quantitativos de leitores, assistentes, tele/espectadores, presenciadores, ouvintes e navegadores. Mesmo que a informação e a divulgação apontem para uma específica parcela de ouvintes, a audiência tem abrangência abissal. O potencial da “mass media” inspirou em 1975 a Igreja Católica Romana, através de seu líder maior a estimular seu uso para evangelização conforme delineado no n. 45 - IV. “as vias de evangelização - Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi do papa Paulo VI ao episcopado, ao clero aos fiéis de toda a igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo”:

No nosso século tão marcado pelos “mass media” ou meios de comunicação social, o primeiro anúncio, a catequese ou o aprofundamento ulterior da fé, não podem deixar de se servir destes meios conforme já tivemos ocasião de acentuar. [...] Postos ao serviço do Evangelho, tais meios são susceptíveis de ampliar, quase até ao infinito, o campo para poder ser ouvida a Palavra de Deus e fazem com que a Boa Nova chegue a milhões de pessoas.<sup>57</sup>

Com referência à mídia, os grupos evangélicos neopentecostais, alicerçam-se em dois pontos: 1) a impessoalidade e os altos custos financeiros, críticos indicam a utilização da “mass media” como um dos principais reflexos da mercantilização da fé, e 2) o estabelecimento do confronto entre a fé, o sagrado, a ética e a necessidade de “certa” sobrevivência da igreja, o que gera conflitos alusionados à legitimidade dos meios de comunicação de massas, e eletrônicos, como uma elocução típica ou peculiar específicas do meio social em que os grupos religiosos realizam sua missão.

O poder persuasivo e de potencial alcance da mídia, rádio e TV, expõe cenários de mercantilização da fé, desprezando a ética e coletando quantidades expressivas de dinheiro. A mídia passa a ser um controvertido veículo de massas, quando na realidade poderia ser corretamente usada para divulgar o evangelho, cumprir a determinação de Jesus Cristo: “Ide e

---

<sup>56</sup> LOPES *apud* LUSTOSA, Antônio L. Fé, utopia e sujeito na práxis religiosa. *Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião*, São Bernardo do Campo, n. 34, v. 22, jun. 2008. p. 205. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/viewArticle/227>>. Acesso em: 22 jul. 2012.

<sup>57</sup> EVANGELII NUNTIANDI: Apostolic Exhortation of His Holiness Pope Paul VI: to The Episcopate, to The Clergy and to all the faithful of the entire world. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/apost\\_exhortations/documents/hf](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf)>. Acesso em: 03 fev. 2012.

Ensinaí”, em amplitude e penetrações imensuráveis, voltado para a atenção aos não convertidos e para o aperfeiçoamento dos convertidos a Jesus Cristo, como revela as Sagradas Escrituras (Mt 28.18).

Explicitamente, tendo a mídia como portadora, é notório perceber que a concepção e a atenção desses dirigentes ou lideranças, componentes do clero e inclinados a tais expedientes, comportamentos, atitudes e ações estão à margem dos mandamentos de Deus. Eles encenam, testemunham, pintam quadros de perplexidade intitulados de “bênçãos ou prosperidades ou libertação adquiridas”. Incitados pelo “pastor intercessor ou apresentador”, relatam experiências sobre suas vidas de forma a projetar impacto, estímulo e gerar expectativas para outras ovelhas e para os “bodes” que constrangidos ou impactados balançam e na maioria aderem aos dramáticos e coagidos conclames e pedidos de contribuições pelos quais também serão libertos, curados e prósperos. Esses imbróglis contribuem, inequivocamente, de forma direta ou indireta para mercantilização da fé. A produção de conflitantes concepções doutrinárias e práxis de troca ou barganha tornaram-se parte desse processo. Entravam o anúncio e os princípios do Evangelho de Cristo e instituem uma concorrência entre as organizações, particularmente as voltadas para o neopentecostalismo de âmbito socioeconômico. A influência da mídia favorece o alcance, a projeção, a integralização e a práxis de uma pastoral televisiva de massa.



## 2 A RELIGIÃO NA MODERNIDADE: SECULARIZAÇÃO, RACIONALIDADE E QUESTÕES ÉTICAS

Para uma contextualização fundamental da religião na modernidade, entendemos ser importante uma abordagem teórica introdutória do fenômeno religioso produzida na perspectiva sociológica, filosófica e religiosa, já que é no campo desta que se fixa o nosso trabalho de dissertação. As egrégias formas de versar sobre a religião estão sujeitas a quem esteja analisando. Ferguson e Wright definem religião de forma mais adstrita como: “a crença em Deus ou deuses, juntamente com os resultados práticos de tal crença ao se expressar em adoração, ritual, visão particular do mundo e da natureza do homem e seu destino, assim como da maneira pela qual alguém deva viver sua vida diária”.<sup>58</sup> O historiador delinea a religião em marcos de triunfo, como fruto de confianças. Por sua vez, o teólogo se ocupa das crenças, ajuizando as exatas e as falsas, destarte como as reações do homem a ela.

Alguns conceitos podem colaborar para um entendimento sobre a visão antropológica a respeito da religião sem se valer da época e da visão de alguma escola em particular. Segundo Barth, “a religião é a atividade humana pela qual todas as suas demais possibilidades ficam, notoriamente, expostas à luz de uma crise profunda, radical, que evidencia o pecado e o torna real”.<sup>59</sup> Otto sustenta que:

Toda religião que queira ser mais que mera crença na tradição e fé na autoridade, mas que busque convicção, convencimento próprio, pessoal e interior, isto é, busque a cognição própria, interior, da sua verdade, como faz primordialmente o cristianismo, mais que todas as demais religiões, precisa pressupor princípios cognitivos segundo os quais a pessoa, por conta própria, possa reconhecer tal religião como verdadeira.<sup>60</sup>

Na concepção weberiana, a religião longínqua está de ser aludida à sequência da racionalidade prática, enquanto racionalidade substantiva e teórica. Weber insinua a religião como um princípio estruturado de símbolos, pelos quais confrarias humanas estabelecem a derradeira razão de ser da existência e do mundo com a progressiva especialização de papéis. No entanto, não se constitui como elemento único, é um dos muitos elementos condicionantes da existência humana social.<sup>61</sup>

---

<sup>58</sup> FERGUSON; WRIGHT, 2009, p. 861.

<sup>59</sup> BARTH, Karl. *Carta aos romanos por Koller Anders*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008. p. 375.

<sup>60</sup> OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007. p. 205.

<sup>61</sup> WEBER, Max. *Psicologia social das religiões mundiais*. In: GERTH, H. H. & MILLS (Orgs.). *Max Weber: ensaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982. p. 310.



A narrativa das religiões compreende a humanidade integral e especialmente a alma humana. Os povos da era menos tardia e da atualidade apresentam, em sua tradição cultural, as anotas de sua religiosidade. A religião, no século passado, foi alvo de acometimento por parte de acentuado quantitativo de teóricos que a tinham como um “veículo de controle social” e por inúmeras vezes “ópio do povo”, por atalhar os indivíduos de almejamem uma melhoria de qualidade de vida e pouparem valores que autenticavam dominação e sofrimento. Este conceito sobre a religião foi largamente difundido, limitando a sua experiência a uma forma de pietismo grupal e a uma confraria de interesses.

## 2.1 A Modernidade Religiosa: racionalidade presente

A Modernidade alterou a face do mundo, originando novas inquirições éticas ao ser humano, esboçando uma nova fisionomia ao mundo que admitimos. O conceito de modernidade constitui-se como um conceito de “contrastes”: extrai seu significado, tanto do que nega quanto do que afirma.<sup>62</sup> Tal característica possibilita que o conceito de modernidade possa ressurgir em épocas distintas com significados variados, condicionado, portanto, ao que está sendo negado e, em contraste, igualmente ao que está sendo afirmado. A modernidade:

[...] indica uma periodização histórica que assume o moderno como época do novo e a interpretação do moderno [...] De um ponto de vista historiográfico, a era moderna é a época que segue a antiguidade e a Idade Média, segundo uma divisão que substitui a precedente periodização bipartida entre história secular e história religiosa. Na ruptura com o pensamento tradicional, a modernidade nos séculos XVI-XVII tende a diferenciar-se da concepção clássica-cristã com a busca de uma ordem natural crítico-cristã, segundo a centralidade da liberdade humana desvinculada de qualquer princípio e renunciando à hipótese de uma ordem estável e decifrável; [...] A modernidade, portanto, reestrutura a temporalidade humana com a tese do processo como forma de consciência histórica do homem, superando a concepção da temporalidade clássica caracterizada pelo sentido do limite e secularizando a concepção cristã do tempo.<sup>63</sup>

Também admitimos a linha de pensamento de que a modernidade costuma ser compreendida como um ideário ou visão de mundo que está arrolada no projeto de mundo moderno, empreendido em diversos períodos ao longo da Idade Moderna e materializada com a Revolução Industrial, ou seja, está normalmente relacionada com o incremento do Capitalismo. Bobsin argumenta a esse respeito, dizendo que: “na verdade, no mundo ocidental

<sup>62</sup> KUMAR, Krishan. *Modernidade*. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (Orgs.). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 473.

<sup>63</sup> PACOMINO, Luciano; MANCUSO, Vito (Orgs.). *Lexicon dicionário teológico enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 503.

cristão e capitalista, a modernização da sociedade veio de braços dados com a modernidade”.<sup>64</sup> Para Agostinho de Hipona (354-430 d.C.), a palavra latina tardia *modernus* promulgava a rejeição ao paganismo e à instituição da nova era cristã. Os pensadores do Renascimento, lançando mão do humanismo clássico, fundiram-na com a cristandade para fazer a separação entre estados e sociedades “antigos” e “modernos”.

Com efeito, a primeira tentativa de conceituação da modernidade pôde descrevê-la como um estilo, um costume de vida ou organização social, surgido na Europa a partir do século XVII e que, devido à sua influência, veio a se tornar mundial.<sup>65</sup> O próprio Iluminismo do século XVIII não apenas interpôs “medieval” entre “antigo” e “moderno”, como fez a identificação crucial do moderno com o “aqui e agora”. Isso acrescentou uma nova fluidez ao conceito.<sup>66</sup> Dessa forma, a modernidade circunscrita no tempo é imediatamente relacionada a um período histórico e, como tal, constitui-se complexa para ser estudada, pois é, ao mesmo tempo, passado e presente.

Com efeito, profundas transformações sociais, econômicas e políticas aconteceram, sobretudo, entre o início do século XIX e os dias atuais. Todavia, é errado afirmar que a modernidade nega a história, na proporção em que o contraste com o passado continuar a ser um ponto de referência indispensável para a sua compreensão. Desde o Iluminismo do século XVIII, a sociedade moderna passou a ser a nossa sociedade, o tipo de sociedades em que vivíamos, fosse, no próprio século XVIII, ou no século XX. Em seu glossário, Abbagnano define Iluminismo como: “a pretensão de ter visão pessoal e direta de Deus ou das realidades transcendentas”.<sup>67</sup> Neste contexto, a sociologia da religião, através de diversos e renomados teóricos, tem empreendido inúmeros e consideráveis esforços analíticos para explicar a questão do lugar da religião no mundo moderno. É bem verdade que é relativamente fácil perceber que a maior parte desses autores se preocupa menos em definir a modernidade, do que assinalar e arrazoar acerca das suas características. Talvez isso ocorra principalmente porque está cada vez mais difícil a tarefa de conceituar o termo, sobretudo na medida em que o mundo diante de nós experimenta constantes e profundas transformações. Ou, em outras palavras; o mutável é igualmente indefinível. Temos que considerar, portanto, que o

---

<sup>64</sup> BOBSIN, Oneide (Org.). *Desafios urbanos à igreja: estudos de casos*. São Leopoldo/RS: Sinodal, 1995. p. 60.

<sup>65</sup> WEBER *apud* ROUANET, S. P. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 231.

<sup>66</sup> BOBSIN, 1995, p. 60.

<sup>67</sup> ABBAGNANO, 2000, p. 534.

crescimento e a inovação ininterruptos exigem que as formas existentes sejam encaradas como provisórias, sempre possibilitando o surgimento de novos aspectos.

Com efeito, através das considerações weberianas, nos é possível compreender que a modernidade produziu a distinção da economia com o aparecimento da economia capitalista. Isto pressupõe a experiência da força de trabalho formalmente livre, o aparelhamento racional do trabalho e da produção, o cálculo contábil e o emprego técnico de conhecimentos científicos. A autonomia do sujeito na modernidade passa a arquitetar o seu próprio mundo subjetivo, onde profere e elege os significados que dão sentido à sua existência. Tal autonomia acende um enfraquecimento da tradição e de sua influência sobre a vida das pessoas. A racionalização ocasiona implicações para a sociedade moderna marcando-a pela diferenciação das instituições, as quais se especializam cada vez mais em seus espaços de atividade na sociedade, o que resulta na separação entre o político e o religioso, o econômico e o doméstico, a arte e a ciência, a moral e a cultura.

O fato é que em cada uma destas áreas, verifica-se uma racionalidade ou lógica peculiar. Tal processo de emancipação das várias áreas da atividade humana é facilmente percebido pela pujante separação entre ordem temporal e ordem religiosa. Constata-se, então, a partir desses processos simultâneos e coesos da racionalização, subjetivação e autonomização/especialização dos múltiplos setores da vida social, que a sociedade moderna experimenta uma intensa transformação em todos os níveis.

Importar-se a isso a conjuntura anterior à modernidade, onde a ordem divina e a ordem política tinham uma mesma expressão pública. A segunda era submissa à primeira – o que é verdadeiramente alterado nos tempos modernos – e o clero não pode mais valer-se do poder estatal para escorar o poder da Igreja. Dessa forma, uma mudança conceitual tornou-se necessária: Deus, em sua providência, emprega agora outros meios para atingir seus objetivos, e os acontecimentos históricos vividos, em vez de serem compreendidos como milagres de Deus em favor de seu povo particular, passam a ser vistos e explicados de outra maneira.<sup>68</sup>

A religião institucionalizada não conseguiu tornar a sociedade mais justa, livre e igualitária e nem conseguiu responder às questões existenciais da humanidade, fazendo com que o ser humano, insatisfeito com as imposições feitas pela igreja, buscasse encontrar

---

<sup>68</sup> OLIVEIRA, Sérgio. *A migração inter-religiosa pentecostal e suas relações com a modernidade*. Dissertação. (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004.

explicações concretas para o que antes era explicado de forma abstrata. Consequentemente, a sociedade hodierna fragiliza-se em seu cerne religioso: torna-se secular. A contemporânea humanidade que passou por um amplo processo de dessacralização do sagrado não obteve sucesso em disponibilizar um mundo mais equitativo por meio da razão.

## 2.2 A instituição religiosa em meio à pós-modernidade

A despeito das denominações evangélicas, nos dias atuais, as pessoas permanecem a viver aspectos do sagrado de maneiras bem subjetivas. Estes aspectos são notoriamente observados nas ações e comportamentos religiosos e culturais, auferindo de tal modo uma nova dinâmica fora das Igrejas ou congregações locais, tornando-se mais vivas e assíduas na comunidade hodierna. A mídia está inserida neste contexto. Essa dimensão do sagrado é intensamente caracterizada por um regresso às experiências comoventes, mesmo que uma pessoa não seja cônica do fato. Segundo Eliade: “seja qual for o grau de dessacralização que o mundo tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso”.<sup>69</sup>

No contexto da pós-modernidade, o desenvolvimento do capitalismo brutal, a evolução da ciência, a forte ascensão da mídia, as novas tecnologias, bem como o advento de novas concepções teológicas fracassaram em promover soluções às demandas de todas as moléstias da sociedade. O consumo na pós-modernidade assume o papel significativo de ter, estetizar, gabar, apropriar, distinguir, manifestar-se. Marshall delineia que:

A pós-modernidade pluralizou as formas e linguagens do consumo e passou a empreender uma ação de mutação cultural global. Derivado da mentalidade capitalista da modernidade, consumir transformou-se na celebração totêmica do livre mercado na pós-modernidade. [...] O consumo transforma-se consequentemente no território anterior da racionalidade, da ética e da estética, onde se negociam ou se disputam os objetos processados da natureza ou da força humana.<sup>70</sup>

Atualmente, em meio às pós-modernidades, algumas questões são levantadas, dentre elas: estamos nos aproximando a Deus, em religiosidade lhana, através de Cristo Jesus e pela atuação poderosa do Espírito Santo de Deus, esperançosos de robustecer o nosso testemunho

<sup>69</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 27.

<sup>70</sup> MARSHALL *apud* MARQUES DE MELO, J.; PERUZZO, C. M. K.; KUNSCH, W. L. (Orgs.) . *Mídia, regionalismo e cultura*. São Bernardo do Campo: Metodista; Passo Fundo: UPF, 2003. p. 38.

em um orbe invasivo? Estamos produzindo um tipo característico de religião que responde as nossas aspirações emblemáticas ou a nossa fome espiritual.

O superávit na religiosidade pós-modernista é a coexistência de inúmeras tendências de religiosidades, particularmente evangélicas, convivendo entre si. Isto significa dizer que os indivíduos não se identificam mais com alocações ecumênicas, agindo de forma coadjuvante, incutem, ainda que em menor grau, os embasamentos bíblicos e de dúbia fé.

Em síntese, pode-se dizer que a religião se fundamenta no contubérnio, alvitre da constituição subjetiva e independente que não precisa apresentar satisfações a uma instituição religiosa, apesar disso, não denota o fenecer da religião na minudência de cada pessoa.

### 2.3 O paradigma da secularização

No mundo hodierno, é notória a instauração de uma crise de plausibilidade no que diz respeito à religião. Isso acabou também por favorecer o anúncio, por parte de alguns estudiosos do fenômeno religioso, de que ocorreria com os sujeitos surgidos a partir da modernidade, um peculiar afastamento do “sobrenatural” no mundo moderno. Tratou-se, na realidade, de certa crença na morte do sobrenatural. Morte esta ligada à visão clássica sobre a secularização.

Para posicionar o termo “secularização”, é importante esclarecer que ele foi usado originalmente no campo jurídico, para aludir à “expropriação dos bens eclesiásticos em favor dos príncipes ou das igrejas nacionais reformadas”,<sup>71</sup> no séc. XVI. Posteriormente, a expressão “secularização” passou a ser utilizada para distintos contextos que significassem o afastamento entre o mundo religioso e outros aspectos da vida social, quer fossem eles políticos, éticos ou sociológicos.

Rivera aborda a etimologia dos conceitos “secular” e “leigo”, comentando que a expressão latina *saeculum* denota, em sentido próprio: geração, duração de uma geração ou espaço de cem anos. Já em sentido figurado, o termo pode perfeitamente ser usado para designar um período de longa duração, indefinido, para o tempo em que se vive época e também para aquilo que se reproduz regularmente. Rivera argumenta ainda que “a partir deste

---

<sup>71</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. *Reencantamento e dessecularização: a propósito do autoengano em sociologia da religião*. Novos Estudos Cebrap, n. 49, nov. 1997. p. 100.

último sentido, ‘secular’ serve para distinguir-se dos votos monásticos”,<sup>72</sup> em cujo caso vive-se afastado do mundo:

Agora podemos avançar a idéia de secularização como processo inverso ao de sacralização. Onde não há estado sagrado não há o que secularizar. Assim como consagração ou sacralização é tirar do mundo e afastar – a pessoa ou objeto – a um estado extraordinário, secularizar é tirá-lo do sagrado e recolocá-lo no mundo. Este sentido de “secularização” leva implícito a idéia de retrocesso ou de perda de espaço do religioso.<sup>73</sup>

Bobsin anota que:

Para os defensores da secularização, é momento de rever teorias. Nos Estados Unidos da década de 60, era forte a ideia de que o mundo caminhava para uma cidade secular. [...] A secularização implica um processo histórico, quase que certamente irreversível, no qual a sociedade e a cultura são libertadas da tutela do controle da religião e das concepções metafísicas rígidas do mundo. Temos dito que se trata de um acontecimento basicamente libertário.<sup>74</sup>

Outro aspecto a ser considerado quando descortinamos a secularização é o fato de que a Modernidade proporcionou a robustez de uma dupla autonomia, fortalecendo a razão em detrimento da tradição religiosa e a política em detrimento das autoridades eclesiásticas. Além disso, Bobsin assinala que: “em nome da secularização, portanto, criaram-se novas correntes teológicas que ignoraram os novos mecanismos de dominação do mundo iluminado”.<sup>75</sup> Na prática, os aparatos da religião submergiram e voltaram, mais tarde, a serviço da dominação burguesa.

Em consequência, a religião submerge em seu poder de regulação da sociedade e em todas as áreas da vida humana, como a cultura, o pensamento e as instituições políticas, que eram tidas como áreas unificadas em um singular sistema e dirigidas pela autoridade divina, por meio das instituições religiosas. Ou, em outras palavras, com a Modernidade, tais áreas se emancipam da jurisdição da religião. Troeltsch advoga que está justamente na origem da secularização a oposição entre os princípios da autonomia e da autoridade.<sup>76</sup>

Não podemos ignorar que o paradigma da secularização, que teve uma considerável aceitação por parte dos estudiosos da religião durante os anos 1960, calculava que a

<sup>72</sup> RIVERA, Paulo. Desencantamento do mundo e declínio dos compromissos religiosos: a transformação religiosa antes da pós-modernidade. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 4, n. 4, out. 2002. p. 89.

<sup>73</sup> RIVERA, 2002, p. 91-92.

<sup>74</sup> BOBSIN, 2002, p. 105.

<sup>75</sup> BOBSIN, 1995, p. 60.

<sup>76</sup> TROELTSCH, Ernst. Christianisme et Societé. *Archives de Sociologie des Religions*, n. 11, 1961.

urbanização era um processo secular sem volta e que a metrópole seria a expressão histórica manifesta e irreversível da racionalização tecnológica. Como postula Cox, “a secularização marcou a mudança na maneira como os seres humanos encararam suas vidas em comum, e isso ocorreu quando os confrontos citadinos expuseram a relatividade dos mitos, os quais julgados, até então, inquestionáveis”.<sup>77</sup>

Tal compreensão, repleta de uma realidade histórica e, ao mesmo tempo, apoiada por uma visão teórica sobre o processo de modernização, não demorou em também ser questionada dentro do próprio movimento revisor da modernidade e, ao que parece, pelo fato visível da persistência do religioso. Segundo Campos, o paradigma da secularização acabou por impedir que diversos pesquisadores conseguissem enxergar o que hoje nos parece claro: que a fuga do sagrado dos padrões que pretendiam contê-lo – as instituições religiosas – para as outras áreas da vida humana não é sinonímia de dissipação e, sim de transformação da religião.<sup>78</sup> Até mesmo porque foi possível o surgimento de outra posição teórica a partir do aparecimento dos novos movimentos religiosos e do aumento dos grupos religiosos a partir do século XIX e especialmente no século XX. Ou seja, algo como uma demonstração da sociedade de um novo processo de “reencantamento”, ou “ressacralização”, o que representaria o “eclipse da secularização”.

Dessa forma, é perceptível que as instituições religiosas não mais são a argamassa que une os aspectos culturais e sociais determinados pela religião que mediava e promovia a realidade e o social da vida comunitária. A própria racionalidade e a independência proveniente das escolhas racionais têm aflorado em indivíduos de essência autônoma. Consequentemente, essa nova percepção ordenadora da realidade e do indivíduo interfere, sobremaneira, na sociedade e na religiosidade por ela vivida. Com efeito, a religião, particularmente compreendida em suas instituições oficiais de representação, torna-se incompetente na sua anterior capacidade de dar sentido e ditar as regras de conduta no mundo moderno.

---

<sup>77</sup> COX, Harvey. *A cidade do homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. p. 11.

<sup>78</sup> CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio/Umesp, 1997. p. 30-31.

## 2.4 O avanço do neopentecostalismo

O neopentecostalismo é o cardinal mais ativo do pentecostalismo, tendo como pilares alterações estéticas, teológicas e axiológico. Essa nova versão religiosa possui inúmeras características peculiares, dentre elas o aparecimento de um padrão de conduta ética menos austero das adotadas e praticadas pelo pentecostalismo. Os pontos basais da concepção protestante de orbe, defendidos pelos teólogos reformadores Lutero e Calvino, acabaram sofrendo transformações importantes no decorrer da modernidade, inclusive na soteriologia e escatologia do pentecostalismo tradicional. Parece ter ocorrido um poderoso processo de imanentização na prática destes grupos religiosos.

Este movimento religioso distingue-se do pentecostalismo histórico. Seus simpatizantes não se apegam, por exemplo, a vestuários, costumes, e têm uma disposição díspar a respeito de Deus. Alternam o universo espiritual repartindo entre Deus e o Diabo. Seu mundo está assumido por lucíferes, e é seu papel exorcizá-los. Anunciam enfaticamente a prosperidade financeira. Infortúnio, miséria, privação, penúria são coisas diabólicas. Moléstia, enfermidade só existem em quem não tem fé em Deus e sua procedência é satânica.

Diversos autores os têm designado de maneiras diversas, entretanto, neste trabalho, assim os chamamos, porque é possível perceber que eles diferem muito dos pentecostais históricos e dos da segunda geração, além do entendimento de que o termo neopentecostal vem ganhando terreno nos últimos anos entre os pesquisadores brasileiros para classificar as novas igrejas pentecostais. Dessa forma, conforme Mariano trata-se realmente de um novo pentecostalismo, transformando as igrejas da terceira onda em igrejas neopentecostais. Embora recente, o termo neopentecostal foi cunhado há vários anos nos Estados Unidos.<sup>79</sup> Na década de 1970, designou as dissidências pentecostais das igrejas protestantes, movimento que posteriormente foi designado de carismático.<sup>80</sup>

Os neopentecostais enfatizam, em suas pregações, a prosperidade como meio verdadeiro de vida para os crentes. Os cultos, as prédicas e os testemunhos oriundos de muitos pregadores têm coletado colossais somas de dinheiro fruto de promessas materiais. “[...] Na versão do capitalismo triunfante hoje o culto do êxito substitui a crença nos

---

<sup>79</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. p. 33.

<sup>80</sup> MARIANO, 1995, p. 33.



princípios e que, por isso, a sociedade perdeu o seu norte”.<sup>81</sup> Ora, as bênçãos divinas desde a época do Antigo Testamento são resultantes da obediência a Deus. Quando o clero e as lideranças empregam o conteúdo bíblico do Livro de Malaquias (MI 3.7-12), promovendo estrondosas manifestações acerca de bênçãos e maldições, fazem-no como estratégia no sentido de impactar, emocionar, constranger os fiéis, visando a arrecadação financeira.

Observamos que há uma incisiva, fervorosa, sistemática e impactante glosa corriqueira a seus seguidores e ouvintes de que o mundo está completamente tomado por demônios que lutam para destruir a abundância de Deus. Tenta-se de forma metódica, contínua e imperial a expulsão destes demônios de suas vidas, formalizada pelo banal chavão: “palavra profética para tua vida”. Isto é dito diante do púlpito de igrejas locais, através da mídia em geral, utilizando emissoras de radiodifusão e televisão, atraindo milhares e milhares de radiouvintes, telespectadores e frequentadores virtuais pela internet. Em geral são procedimentos manipulados por espetáculos.

As *práxis* da nova onda religiosa por muitos alcunhada de “onda gospel” é seguida na máxima pelos neopentecostais e tem a adesão, com bem menos intensidade, dos pentecostais. E este fato em si sugere atenção especial, por serem exatamente aqueles a bem da verdade os principais mentores de tais práticas. Eles advogam a condição de carismáticos, ou seja, detentores de dons gratuitos, concedidos por Deus e especificamente para impactar e “glorificar Sua Obra” no seio da humanidade.

No arcabouço das concepções neopentecostais, além do dualismo “Deus x Diabo”, eles também creem que o universo está dividido em dois reinos, o reino espiritual e o reino material. O reino espiritual é habitado por seres espirituais: Deus, Diabo, anjos e demônios, em luta constante. O reino material é este nosso mundo terreno, coabitado pelos homens e pelo restante da criação divina, onde se situa o campo de luta ou batalha do prélio espiritual. É pelo seu domínio que se trava a guerra. E mais: o reino espiritual é mais real do que o material, destarte dizem eles: “o que ocorre neste mundo em que vivemos é reflexo dos acontecimentos da ordem espiritual”.<sup>82</sup> Outra concepção vigorosamente defendida pelos neopentecostais é que as doenças, a pobreza e o sofrimento são coisas que têm sua origem em Satanás. Por isso, seus cultos no interior de suas igrejas locais, ou seus programas televisivos, são em sua grande maioria carregados de fortes emoções e costumeiramente objetivam uma

---

<sup>81</sup> MO SUNG, 2010, p. 125.

<sup>82</sup> MARIANO, 1995, p. 33.

libertação deste mundo satânico. Como saída, apelam para as práxis de exorcismo, misticismo, amplamente frequentes e evidenciados nos seus cultos e na aplicação das várias terapias criadas e práxis habitual pertencentes ao movimento neopentecostal.

O fato é que o neopentecostalismo coloca em primeiro lugar a saúde do corpo, a prosperidade e a solução dos problemas psíquicos, obviamente como resultado imediato da busca pelo sagrado. A teologia da prosperidade denega toda a doutrina cristã desde os tempos menos tardios, de dois mil anos, calcada na simplicidade, singeleza, esbulho e na fé do galardão pela vida eterna. Nas entrelinhas, esta teologia sugere uma forma de harmonizar o cristianismo e os ensinamentos de Jesus Cristo ao consumismo e ao capitalismo.

Com efeito, um dos temas mais importantes e significativos no discurso neopentecostal é o da saúde. Afinal, como argumenta Peña-Alfaro, o trabalho religioso de cura, de modo geral, é oferecido especificamente como ingrediente nas mensagens de alguns grupos de pentecostais e na maioria dos grupos neopentecostais – que, por definição, buscam a cura divina.<sup>83</sup> Tudo isto posto, entendemos que é o neopentecostalismo não é uma empreitada das mais simples.

O neopentecostalismo é um movimento religioso que tem gerado extensa e discutível alteração, cujos sisos divergem expressivamente em função da anuência do pesquisador, ou da aba acadêmica teológica ou da localidade onde o tema é discutido. Segundo Campos “o protestantismo histórico ao mesmo tempo em que fornece os parâmetros eclesiásticos para o neopentecostalismo reage contra ele, não com a flexibilidade de pensamento, mas com a rigidez da doutrina como último bastião das instituições”.<sup>84</sup>

Há algum tempo que novas igrejas, os seus líderes e suas estratégias proliferam-se velozmente, e especialmente quando a mídia é empregada, o assunto torna-se cada vez mais vasto e abstruso. Outra prática desenvolvida pelos neopentecostais é o emprego de um conjunto de iniciativas e medidas em manobrar massas, acesso e controle de uma considerável parte da mídia, uso acentuado das novas tecnologias e domínio de volumosos montantes de numerário. Na Eucaristia, a Ceia do Senhor, seus elementos e cerimonial, por inúmeras vezes, deixar de ter o caráter simbólico em detrimento da banalização. O movimento tem como grande derradeiro argumento Satanás e seus demônios. Nas reuniões ou cultos de vertente

---

<sup>83</sup> PEÑA-ALFARO, Alex. *Ou dá o dizimo ou desce ao inferno: uma análise das estratégias de persuasão na teologia da prosperidade da Igreja Universal*. Recife: Do Autor, 2006.

<sup>84</sup> CAMPOS, 1997, p. 11.

neopentecostal, a ênfase é dada à batalha espiritual contra os espíritos mefistofélicos. Estes são os principais responsáveis pela insuficiência de prosperidade, desunião conjugal, depravação sexual, envolvimento com drogas, espírito endemoniado, malogro no amor, depressão... Isto sugere que os cultos têm pelo menos duas vertentes capitais: uma voltada para algo parecido com o exorcismo denominado de libertação das hostes diabólicas e, outra, que trata de dinheiro, esta mais criativa, em geral toma considerável espaço de tempo, são movidas por apelos ou admoestações constrangedoras. Algum tipo de misticismo, emoções, impulsos, estado de transe cujo escopo é uma libertação do mundo mefistofélico.

No Brasil, nos dias atuais, as denominações evangélicas mais conhecidas, adeptas do neopentecostalismo são: a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), liderada pelo bispo Edir Macedo, a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), liderada pelo missionário R. R. Soares e a Igreja Mundial do Poder de Deus, sob a direção do apóstolo Valdemiro Santiago. Elas apresentam os maiores índices no que tange ao ranking nacional, bem como no emprego maciço de programações religiosas através da mídia. Na IIGD, por exemplo, o sistema de governo da igreja é episcopal<sup>85</sup> e seu líder principal não mede esforços, cerrado apostas, investimentos e maciças utilizações da mídia e das novas tecnologias na divulgação e apresentação de seus programas em emissoras de televisão, rádio e sites da internet.

A mídia como objeto potencial para mudar comportamento e opiniões das massas tem o domínio e o fascínio que exerce nas pessoas utilizada pelos neopentecostais que não medem esforços para utilizar esse veículo de comunicações. Milionárias quantias em dinheiro são habitualmente desembolsadas para pagar o aluguel ou o tempo gasto na utilização das emissoras de televisão e radiodifusão, próprias ou não. Alguma dessas emissoras, antes próximas da falência, vem conseguindo protelar seu estado mórbido vendendo seus espaços e liberando seus canais ou emissoras para programas de várias denominações evangélicas. Essas vultosas quantias em dinheiro são quase que na totalidade oriunda de arrecadações obtidas entre os fiéis e simpatizantes da denominação cristã envolvida.

---

<sup>85</sup> Sistema que centraliza na pessoa do dirigente, a incumbência pelos destinos e resoluções da denominação, porém possui uma confraria de subordinados, o “colégio episcopal”, responsáveis pela administração da gestão do sistema.

## 2.5 Neopentecostalismo: exegese e hermenêutica bíblica *versus* o cerne da mensagem do evangelho

Ainda não temos conhecimento de nenhuma informação fidedigna acerca de um efetivo pactuado entre a exegese e a hermenêutica com o kerigma (forma original grego κήρυγμα), na trajetória narrativa do neopentecostalismo. Berger glosa que a exegese é “o acesso científico-descritivo ao texto. Os critérios são a totalidade dos métodos filológicos e históricos e a verificabilidade intersubjetiva ligada a eles”.<sup>86</sup> Osborne pontua que o objetivo da hermenêutica evangélica foi historicamente se aproximar o mais possível da intenção do autor ou dos autores.<sup>87</sup> O pentecostalismo sempre se fundamentou na ação do “Espírito” prescindindo destes instrumentais os quais exigem estudo e pesquisa, algo que não perfaz seu mundo social. A interpretação “não escapa da diversidade conflitiva ambiente”,<sup>88</sup> e, por isso mesmo, a ação do Espírito parece ser o jeito de interpretação dos textos bíblicos, uma vez que a própria possibilidade de ter acesso aos instrumentais da crítica exegética ou da dogmática seja própria àqueles que não compartilham a visão pentecostal.

Monloubou e Du Buit apostilam que o termo grego kerigma (κериγμα) é: “a proclamação aos homens da salvação realizada por Jesus Cristo. Seu conteúdo essencial é a ressurreição de Jesus, causa” (Rm 4.25); “e imagem da salvação proclamada” (Rm 8.29).<sup>89</sup> Destarte, como ocorre com os adeptos do pentecostalismo, uma considerável fração dos adeptos do neopentecostalismo não tem nenhuma atenção dirigida à interpretação científica da perícope bíblica, nem compromisso ou investe seriamente na educação. Isto possibilita a falta de alguma consistência ou algum tipo de deformidade de conteúdo teológico e bíblico.<sup>90</sup>

Segundo Agostinho de Hipona, as coisas materiais são observadas como um entrave para o progresso e libertação espirituais. Isto sugere que não há evidência ou possibilidade de existir felicidade neste mundo terreno, sendo imperativo esperar a outra segunda vida, a espiritual eterna, para usufruir da ledice.<sup>91</sup> No entanto, a concepção neopentecostal que em sua doutrina insere a teologia da prosperidade induz exatamente ao antagônico. O sofrimento

<sup>86</sup> BERGER, Klaus. *Hermenêutica do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 91.

<sup>87</sup> OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 29.

<sup>88</sup> RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: LOYOLA, 2006. p. 15.

<sup>89</sup> MONLOUBOU; DU BUIT, 1996, p. 661.

<sup>90</sup> SWATOWISKI, Cláudia Wolff. Textos e contextos da fé: o discurso mediador de Edir Macedo. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 114-131, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rs/v27n1/a05v27n1.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2012.

<sup>91</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Disponível em: <[http://monergismo.com/wp-content/uploads/confissoes-livro\\_Agostinho.pdf](http://monergismo.com/wp-content/uploads/confissoes-livro_Agostinho.pdf)>. Acesso em: 19 ago. 2012. p. 41.

e a miséria devem ser convertidos em fartura, bem-estar e sucesso. R. R. Soares, líder da IIGD, é um ardoroso defensor e anunciador dessa concepção. Argumenta que: “prefiro que digam que eu prego o Evangelho da Prosperidade, pois, na verdade, esse é o Evangelho que eu propago. [...] Ensino as Boas Novas da prosperidade, saúde, santidade e do sucesso completo em Cristo Jesus”.<sup>92</sup> Ele defende a ideia de que a afinidade entre Satanás e a enfermidade é um fato: “se existe um mal em seu corpo, [...] você tem o direito de se levantar contra essa doença e dizer a Satanás que descobriu a verdade. [...] Ela é do diabo; a sua, Jesus já levou”.<sup>93</sup> Vai mais além advogando que a faculdade das forças demoníacas além de acarretar moléstias e enfermidades: “há demônios que ficam alojados na área financeira das pessoas. [...] Existem outros demônios que atuam no casamento. [...] Há demônios que fazem com que as pessoas não queiram trabalhar”.<sup>94</sup>

Talvez seja essa interpretação neopentecostal, postulada na teologia da prosperidade, resultante de processos os quais estariam alijados de uma sólida construção exegética e histórica, além de um tipo de reação à modernidade como postulam alguns historiadores a respeito do fundamentalismo, pois a própria inserção desses grupos na lógica de mercado indica não uma resistência, antes, um tipo de identificação sublimada devido à escassez social pela qual passam esses grupos.

## 2.6 Relações entre a racionalidade da pós-modernidade religiosa e o neopentecostalismo

Racionalidade é o qualitativo ou caráter do que é racional. Significa, ainda, disposição para enfrentar ideias e fatos de uma ótica genuinamente racional. Para Blackburn, racionalidade é: “fragmentos de comportamentos, crenças, argumentos, políticas e outros exercícios da mente humana podem todos ser descritos como racionais”.<sup>95</sup> Japiassú e Marcondes definem razão como:

[...] faculdade de julgar que caracteriza o ser humano. [...] Em sentido mais específico, a razão é a capacidade de, partindo de certos princípios a priori, isto é, estabelecidos independentemente da experiência, estabelecer determinadas relações constantes entre as coisas, permitindo assim chegar à verdade, ou demonstrar, justificar, uma hipótese ou uma afirmação qualquer.<sup>96</sup>

<sup>92</sup> SOARES, R. R. *Carta Viva do Missionário*. Janeiro de 2001, n. 62, p. 34.

<sup>93</sup> SOARES, R. R. *Carta Viva do Missionário*. Outubro de 1998. p. 6.

<sup>94</sup> SOARES, 1998, p. 8.

<sup>95</sup> BLACKBURN, 1997, p. 332.

<sup>96</sup> JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 229-230.

Calculando-se em uma apreciação concisa de determinados predicados, pode-se constatar que não existe consonância sobre a experiência de uma estagne da modernidade. O que abrolha são extrusões no interior da modernidade formadas pelas transformações sociopolíticas, econômicas e religiosas pelas quais o universo protestante atravessa desde os anos de 1970, particularmente no território brasileiro.

Seguindo essa linha de raciocínio, é sugestivo sustentar a concepção condicional da extensão da modernidade entendida por pós-modernidade para desenvolver uma ideia temporal, na qual abrolham as novas tendências religiosas. Tomando por base o campo religioso protestante, comprova-se que na teologia da prosperidade determinados dados apontam para o aparecimento de uma mercantilização religiosa, na qual “agências religiosas” articuladas por seus respectivos agentes diretos, majoram espantosamente seu quantitativo de adeptos em conferição com as igrejas protestantes tradicionais.

Acompanhando tipologias weberianas, observa-se no protestantismo brasileiro um complicador, ou seja, haveria um grupo de igrejas com doutrinas bíblicas “corretas”, e um grupo de igrejas com doutrinas “heréticas”.<sup>97</sup> Como exibir a fé cristã em um complexo universo sujeito a inúmeras pluralidades e diversidades? Seguramente na pós-modernidade jaz necessário cultivar a confabulação ecumênica, abdicar aos contextos dogmáticos que arredam e anteparam a Igreja Cristã de proclamar o Reino de Deus como a opção segura e única solução para tantas crises.

A liberdade e a criatividade são temas dominantes na extensão da modernidade, e inseridos na teologia, sem as amarras dogmáticas perpassadas pela dinâmica do debate eclesiástico e acadêmico, deixam ao indivíduo um sentido de liberdade que postula a realização pessoal sem os padrões de uma ética fundada na solidariedade.

A pluridiversidade compõe inúmeras concepções teológicas. Isto sugere conhecer e pensar como brotam as novas teologias em meio a tanta liberdade, e ajuizar aquelas distantes dos preceitos da fé, da ética e da gestão cristã. A complexidade em relação à definição de modernidade e extensão da modernidade se dá devido à impossibilidade de estabelecer o amanhecer e o crepúsculo de cada era. Provavelmente tenha havido uma flexibilidade ou ruptura entre os dois períodos. Entretanto, observam-se dois aspectos: na modernidade há a centralização em Deus Pai e sua transcendência, ao passo que na extensão da modernidade,

---

<sup>97</sup> WEBER, 1982, p. 340.

pós-modernidade, há a concentração em Deus Espírito Santo e sua Imanência. Isto torna possível apontar que na pós-modernidade há uma convergência para abolição de verdades absolutas em detrimento das vicissitudes elocutivas.

Outro fator que não podemos ignorar é que a mística faz parte do dia a dia do indivíduo vivente da extensão moderna. Este indivíduo busca na mística resposta para origem, sobrevivência e destino de seu próprio espírito. Porém, os percalços do cotidiano, as inúmeras e intrigantes doenças físicas, a iminente morte física, o consumismo, o materialismo, a agitação do mercado, as finanças, o emprego formal ou informal, as questões sociopolíticas e financeiras, as políticas: de segurança, saúde e educação, os acometimentos à natureza, são inúmeros os aspectos mais suscetíveis da vida cotidiana na extensão da modernidade, com especial ênfase ao corpo induzem os indivíduos a procurarem, por vezes, cegamente mais pela imanência. Sustenta-se em meio aos grupos neopentecostais intensa imanência, como sentenciam Campos:

Do ponto de vista teológico, temos observado no neopentecostalismo uma ênfase no corpo e no momento presente, propondo uma inserção político-partidária, que enfraquece a tendência anteriormente existente de uma fuga em direção à “Jerusalém celestial” [...] Essa valorização do corpo com menor ênfase na salvação da alma e na escatologia futurista faz tendência caminhar em paralelo ao espírito da época própria de uma sociedade hedonista. [...] Quanto ao aspecto organizacional e eclesiológico, os neopentecostais centralizam mais a autoridade no líder (seja ele chamado de bispo, missionário ou, como é moda neste momento em que escrevemos apóstolo).<sup>98</sup>

Na pós-modernidade, o neopentecostalismo tem provocado grande impacto motivacional e se tornado bastante visível ante a sociedade brasileira. O clero simpatizante deste movimento, por conta de disputas e concorrências, emprega, particularmente através da mídia, métodos arrojados e agressivos. Campos considera que:

Por causa dessa agressividade na mídia e do uso dos modernos meios de comunicações de massa, os grupos neopentecostais acabaram adotando formas e estratégias típicas de empresas comerciais, que para vencer a concorrência usam e abusam da propaganda e do marketing. [...] Essa tendência levou os neopentecostais à aquisição de espaços nas emissoras de rádio e de televisão no horário nobre ou então a comprar suas próprias estações de rádio e de TV.<sup>99</sup>

Concomitantemente o clero, os líderes primam por um estilo de vida sofisticado e alguns grupos ou denominações se destacam devido a onipresentes programas de mídia das

---

<sup>98</sup> CAMPOS, Leonildo S. Neopentecostalismo. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José C.; KILPP, Nelson (Orgs.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 708.

<sup>99</sup> CAMPOS, 2008, p. 709.

suas respectivas promoções de espetáculos nas quais predominam os testemunhos de fé de artistas, atletas e outras celebridades, milagres de pessoas menos assistidas, e muita movimentação de massas que em muito tem contribuído para tornar esse movimento conhecido e discutido.

O choque do neopentecostalismo, rotineiramente, tem sido particularmente sentido pelas demais igrejas evangélicas do Brasil e é inegável a percepção de que o protestantismo pátrio não é mais o mesmo desde que apareceu o novo movimento da era extensão moderna ou pós-moderna. Esse choque tem se apresentado de dupla forma. Inicialmente, não são poucas as igrejas tidas como pentecostais, históricas ou não, que têm perdido membros que migram para o neopentecostalismo. Depois, também as igrejas de protestantismo histórico têm sido influenciadas em sua doutrina, liturgia, teologia e organização pelas práticas neopentecostais. O “sucesso” do neopentecostalismo tem sido especialmente atraente para os líderes ou clero de muitas denominações evangélicas, por induzi-los a crer que se abraçarem os mesmos procedimentos e práticas suas áreas eclesiais e domínios eclesiásticos também tenderão a abiscoitar o tão imaginado crescimento. Fica evidente que tal movimento apresenta problemas ou hibridezas em seus princípios e práticas eclesiásticas que, em muitas exterioridades, as distanciam da narrativa do cristianismo tradicional.





### **3 EVANGELIZAÇÃO ATRAVÉS DO USO DA MÍDIA**

#### **3.1 Rearticulação da religião diante do mercado: a privatização da religião**

Na análise da realidade religiosa contemporânea, a constatação que parece saltar aos olhos é de uma revitalidade pulsante, após um período em que se anunciava uma modernidade governada, em grande parte, pela razão científica e técnica, e que se estruturava nomeadamente pela secularização e, por conseguinte, pela religiosidade.

No século XXI, observamos que, de fato, a ciência e a tecnologia moderna evoluíram de tal forma que se tornaram parte essencial do cotidiano da maioria dos habitantes do planeta Terra, fazendo com que as pessoas, mesmo as de menor poder aquisitivo, tenham um mínimo grau de informação plausível sobre algumas décadas menos tardias. Entretanto, apesar de todas essas mudanças e contradizendo as previsões anteriores do fim da religião, apesar do avanço da secularização, especialmente no campo da economia e da política, do visível processo de desencantamento do mundo, a religiosidade dos últimos tempos é manifesta intensamente na vida privada das pessoas, em formas afetivas e emocionais, sem referência à doutrina ou à instituição eclesiástica.

O fenômeno religioso em curso sobrepujou a categoria de “religião perdida” para o “religioso por todas as partes”. Com efeito, parece-nos à primeira vista que a religião teria voltado, com ânimo total, à conjuntura política no seio das sociedades ocidentais, evidenciando o investimento religioso na mobilização política e cultural por meio de novos movimentos sociais e dos diversos movimentos religiosos, alguns com tendências teológicas bastante conflitantes com os ensinamentos do evangelho de Cristo. Para alguns pesquisadores da religião, tal fato vem, notadamente, contrariar a ideia de uma modernidade “racionalmente desencantada”.<sup>100</sup>

Um dos aspectos mais evidente dessa notada revitalização religiosa é a grande ênfase na mídia brasileira, radiofônico, imprensa escrita e falada, televisiva e virtual através da internet, cujo retorno é retratado pelo Censo do IBGE 2010 que aponta o surpreendente múltiplo crescimento do avanço do movimento e adeptos do neopentecostalismo. Com este avanço numérico, vincula-se o forte cunho mágico dos discursos apregoados no neopentecostalismo: as correntes, os objetos poderosos, a confissão positiva, a mística que era

---

<sup>100</sup> JURKEVICS, Vera I. Renovação Carismática Católica: Reencantamento do Mundo. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 40, 2004.

propagada nos rituais com capacidade de resolver todos os problemas humanos. Ou seja, a constante presença de elementos “mágicos” nesta nova religiosidade, que no Brasil representa uma espécie de negação da secularização. Afinal, dificilmente um país como o Brasil, tido com em desenvolvimento, desmentiria as teses sobre secularização nos grandes países desenvolvidos ocidentais, pois fundeia tal realidade em raízes sociais ou socioeconômicas para a volta ou permanência da religião, na vertente neopentecostal.<sup>101</sup> Contudo, a compleição de elementos mágicos da contemporaneidade, a nosso ver, nada diz a respeito de um reencantamento do mundo. Tão somente porque o processo de desencantamento, postulado por Weber, é em certo sentido irreversível. Até mesmo porque, em certo sentido, nenhum ato humano deixa de ser racional, pois possui uma razão sem a qual não seria realizado. Ramalho pontua que, a despeito de se reconhecer as novas expressões do campo religioso, em especial o campo cristão, conservam a estrutura doutrinária da fé cristã.<sup>102</sup> Elas se exprimem com muita criatividade, rompendo esquemas e fórmulas determinadas previamente, e não se enquadram em modelos únicos.

O fato é que no momento em que parecia propensa a um esfacelamento, ou no mínimo a um grande enfraquecimento, a religiosidade ressurgiu com ares renovados. Em uma multiplicidade de formas e de expressões novas, a religião se rearticula nos moldes da modernidade, estabelecendo uma cumplicidade com os tempos de crise e apresentando-se como disponível para auxílio na solução dos problemas humanos. Dessa forma, podemos entender que a racionalização secularizante causa a vitalidade do sagrado na esfera privada, viabilizando a diversidade e a pluralidade de crenças e a diluição das fronteiras do religioso moderno: “a pluralidade e fragmentação religiosa, portanto, são frutos da própria dinâmica moderna. A secularização multiplica os universos religiosos, de forma que a sua diversidade pode ser vista como interna e estrutural ao processo da modernidade”.<sup>103</sup>

O paradigma da efervescência da religião, pautada na liberação de mercado e na situação pluralista, parte como fonte de análise do princípio de *oferta*, proveniente da abertura do mercado religioso.

---

<sup>101</sup> MOTTA, Roberto. *Ethnicité, nationalité et syncretisme dans les religions populaires brésiliennes*. Social Compass, 1994.

<sup>102</sup> RAMALHO, Jether. Desafios no campo religioso Brasileiro. CERIS. *Pentecostalismo, renovação carismática católica e comunidades eclesiais de base: uma análise comparada*. Rio de Janeiro: CERIS, 2001. p. 5.

<sup>103</sup> STEIL, Carlos A. Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso. *Ciências Sociais e Religião*, ano 3, n. 3, 2001. p. 166.

A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se bens de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado.<sup>104</sup>

Tal conjuntura tornou o mercado mais competitivo e as organizações religiosas mais ativas e criativas na mobilização de seus fiéis, com o intuito de mantê-los, e na conquista de novos adeptos que, do ponto de vista mercadológico, tende a incrementar as taxas de participação religiosa da população. Mo Sung assinala que “contra a idolatria do mercado devemos reafirmar a nossa missão: sermos testemunhos da ressurreição de Jesus, sermos anunciadores do Deus de Jesus. [...] Idolatria não é algo que só ocorre no mercado, mas é uma tentação permanente em todos os grupos humanos”.<sup>105</sup>

O processo contemporâneo de revitalização da religião, no caso do nosso estudo, particularmente na vertente neopentecostal, decorre do próprio processo de privatização e subjetivação dela. Sendo manifesto não apenas no desenho do sujeito religioso autônomo, com a possibilidade de escolher livremente a filiação religiosa e o consumo religioso que lhe pareça melhor, se revela nos contornos do agente religioso, que agora demanda empreender em um maior esforço pela manutenção e conquista dos fiéis, uma vez que não dispõe mais de uma clientela automaticamente constituída. Com isso, a dinâmica da “preferência do consumidor”, inicialmente estabelecida no setor comercial, torna-se a mola propulsora da religião hodierna.

Ainda dois fatos que não podemos descartar do contexto da evangelização através do forte uso da mídia são pertinentes e relevantes ao momento coevo da plena admissibilidade e a total proliferação da teologia da libertação e da não menos sedutora teologia da prosperidade no meio dos evangélicos, especialmente vivida e cortejada pelos seguidores do neopentecostalismo. Com o advento da modernidade e do pensamento hodierno de forma dúbia e multifacetada discorrem acerca de assuntos relacionados a Deus.

A teologia da libertação está inserida na fase da valorização histórico-cultural e da diversidade de formas de manifestação do encontro da criatura humana com seu criador divino. Ela torna-se força causadora de atos que torna viável uma prática libertadora, de acordo com as precisões sobrevindas das diferentes conjunturas sob as quais um povo está

---

<sup>104</sup> BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado*: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985. p. 149.

<sup>105</sup> MO SUNG, 1993, p. 137-139.

dominado. Para Mondin: “a teologia da libertação é um movimento teológico que quer mostrar aos cristãos que a fé deve ser vivida numa *práxis* libertadora e que ela pode contribuir para tornar esta *práxis* mais autenticamente libertadora”.<sup>106</sup> Libertação está intrinsecamente relacionada à opressão e à exclusão e sua compreensão deve se dar por meio de uma interferência socioanalítica. Para Boff: “libertação é libertação do oprimido. Por isso, a teologia da libertação deve começar por se debruçar sobre as condições reais em que se encontra o oprimido de qualquer ordem que ele seja”.<sup>107</sup>

A Teologia da Prosperidade pode ser considerada uma concepção que vem revolucionando um complexo, expressivo e determinado segmento espontaneamente composto por instituições seculares, uma ala acadêmica científica, de numerosos peregrinos buscadores de abundância financeira, captadores e acumuladores de bens materiais, alguns milagres, em especial movimentos religiosos, dentre os quais se destaca os de denominações simpatizantes do movimento neopentecostal. A larga visão pública de compreensão e admissibilidade está intrinsecamente relacionada com o progresso do dogma evangélico ou protestante surgido nos anos 1970 com o advento da teologia da prosperidade. Esta abarca mirabolantes e sedutoras concepções e discursos tocantes, direcionados a incutir no indivíduo a ideia de que ele tem potencial próprio para desenvolver e reordenar sua sorte, caráter, moral, ética e consistência de fé. Etimologicamente o termo prosperidade é definido pelo moderno Dicionário da Língua Portuguesa Michaelis como “felicidade; ventura; qualidade ou estado do que é próspero”.<sup>108</sup> São os mais díspares conceitos de prosperidade que compõem os baldrames para o pensamento socioeconômico.

Partindo da ideia de que em um patamar subjetivo a felicidade maior está interiormente pautada a uma receita mais elevada tendo por base fatores que contribuem para a felicidade, em uma ordem crescente de valor: à capitalização, o bem-estar, os valores pessoais, a família e os valores sociais, o que significa prosperidade? Sugere-se que seja quanto mais dinheiro, mais acúmulo de bens, o que significa a disponibilidade de mais benefícios materiais para a existência. Nesta linha de pensamento há identificação de riqueza com “felicidade; ventura; qualidade ou estado do que é próspero” e a generalização seria conjecturar que nenhum abastado poderia ser desafortunado nem infeliz e nenhum indivíduo infortunado e infeliz poderia libar qualquer prosperidade e ser feliz.

---

<sup>106</sup> MONDIN, B. *Os teólogos da libertação*. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 25.

<sup>107</sup> BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 40.

<sup>108</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?>>. Acesso em: 03 abr. 2012.

No âmbito secular, Allen sustenta que “as virtudes morais são a base e o esteio da prosperidade, pois é a alma da grandeza”.<sup>109</sup> Ele esboçou o seguinte quadro que denominou de “oito pilares da prosperidade ou princípios baseados na integridade moral e no trabalho sério”:

1- ENERGIA – Entusiasmo para exercer o esforço necessário e contínuo na realização de qualquer tarefa. 2- ECONOMIA – Concentração de poder, conservando tanto o capital [...]. 3- INTEGRIDADE – Honestidade inquebrantável [...] 4- SISTEMA – Subordinar todos os detalhes à ordem [...] 5- SIMPATIA – Benevolência, generosidade, gentileza e afabilidade; ser acessível, disponível e bondoso. 6- SINCERIDADE – Ser sincero e franco, forte e verdadeiro [...] 7- IMPARCIALIDADE – Justiça [...] 8- AUTOCONFIANÇA – Não recorrer aos outros em busca de apoio e confiança, mas apoiar-se em princípios que são estáveis e imutáveis.<sup>110</sup>

Ser próspero não significa necessariamente ser abastado. Existem pessoas abastadas que não são prósperas, não são satisfeitas e nem felizes. Nenhuma reorganização sociopolítica ou preceito jurídico é capaz de, por si só, propiciar prosperidade, mas o conhecer os princípios morais e éticos é encontrar a prosperidade.

Prosperidade, no sentido bíblico, é a medida das bênçãos de Deus, segundo sua vontade. Não se trata apenas de riqueza, bens materiais, dinheiro, ótima saúde, mas a obediência à vontade de Deus leva o ser humano a desfrutar de paz, harmonia, segurança, e usufruir das benfeitorias que Deus tem reservado àqueles que obedecem e seguem seus bíblicos mandamentos. No Salmo 1.1-3 encontra-se o seguinte: “abençoado com felicidade é o homem que não segue o conselho dos ímpios, não se deixa influenciar pela conduta dos pecadores [...] Ao contrário, sua plena satisfação está na lei do Senhor, e na sua lei medita, dia e noite! Ele é como a árvore plantada à margem de águas correntes: [...] tudo quanto fizer prospera”. Ainda, em outro Salmo: “Aleluia! Quão feliz é a pessoa que teme ao Senhor e tem grande prazer em seus mandamentos! Sua linhagem será poderosa no país, abençoada geração de homens íntegros. Em sua casa haverá bens e riquezas, e sua justiça permanece para sempre” (Sl 112.1-3).

Paradoxo ao contexto secular e do bíblico, o que vemos, ouvimos e assistimos através da mídia promovida por determinados programas evangélicos, particularmente os de concepção doutrinária pentecostal e com maior ênfase os do neopentecostal, é a alocação e práxis doutrinárias de prosperidade caracterizada por uma tendência otimista para produtores e consumidores calcada na teologia da prosperidade.

<sup>109</sup> ALLEN, James. *Os oito pilares da prosperidade*. São Paulo: Clio, 2011. p. 17.

<sup>110</sup> ALLEN, 2011, p. 18.

Os anos de 1970 marcaram o início da teologia da prosperidade no Brasil. Algumas igrejas no campo pentecostal, neopentecostal, movimentos e organizações interdenominacionais foram veículos promotores de exposição, publicação e divulgação do conjunto de doutrinas sobre a prosperidade pessoal como sinal da bênção divina. O Dicionário Brasileiro de Teologia define a teologia da prosperidade como “movimento carismático interconfessional que enfatiza a saúde física e a prosperidade financeira como evidências básicas das bênçãos divinas na vida cristã. [...]. O âmago da teologia da prosperidade está na promessa de saúde física e prosperidade financeira na presente existência”.<sup>111</sup>

Isto ganhou grande espaço no decorrer dos anos subsequentes com múltiplas participações e destaques no universo dos neopentecostais entre suas igrejas e seus líderes, utilizando maciçamente suas concepções na mídia, especialmente a televisão. São gastos abissais quantias, financeiras para manutenção de seus programas no ar e ainda organizados inúmeros “megashows” com todo tipo de espetáculos, pirotecnia e manobra psicológica em que a mensagem de Evangelho é colocada de forma estrategicamente e confusa. Acerca do espetáculo, Debord o define como “uma permanente guerra do ópio para confundir *bem* com *mercadoria*; *satisfação* com *sobrevivência*, regulando tudo segundo as suas próprias leis”.<sup>112</sup> O “carro chefe” é a teologia da prosperidade que está, portanto, profundamente relacionada com o sistema econômico neoliberal. Às *práxis* religiosas da parcela considerável dos adeptos, desesperados por um milagre em sua vida, outros curiosos enfim uma população receptora é vinculada ou incentivada pelas *práxis* socioeconômicas, em conformidade com a coerência do neoliberalismo. Tal aglutinação possui baldrame religioso que, indiretamente, coopera para o cooptação entre consumo e salvação, e entre capitalismo e Reino de Deus, evidenciando a mercantilização da fé, o confronto do sagrado, da ética e da sobrevivência da igreja.

A própria dialética do princípio econômico e a sua preleção teórica interior despontam aspectos de uma religiosidade adicionados à espiritualidade sem margem para ambiguidade religiosa, como é o caso da teologia da prosperidade, desenvolvem uma mistura de elementos heterogêneos que forma um todo em que teólogos e estudiosos apontam como

---

<sup>111</sup> TIMM, Alberto R. *Teologia da prosperidade*. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José C.; KILPP, Nelson (Orgs.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 966-967.

<sup>112</sup> DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Versão para eBookeBooksBrasil.org 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>>. Acesso em: 10 out. 2012. p. 44.

intolerante e idolátrico.<sup>113</sup> Urge a necessidade, destarte, de um enraizamento bíblico-teológico, em particular em alusão à disposição de reconhecer direta ou privativa do Reino de Deus com ideações históricas.

Por fim, enxergamos na expressiva quantidade de apelos religiosos teatrais, principalmente os midiáticos, a necessidade estratégica das igrejas coevas em proporcionar produtos e serviços religiosos que atendam às necessidades dos indivíduos religiosos, diante da ameaça de perderem o “cliente” para seus competidores diretos e indiretos. Já que a religião faustosa também emula com os empreendimentos, agências ou coisas tidas por “profanas”, e tais instituições concorrentes podem proporcionar ofertas claramente mais atrativas para o *target* religioso, cuja essência secularizada os impele a buscar a satisfação de necessidades pessoais, comumente imediatas e efêmeras. A evangelização é promovida de forma a mercantilizar os conteúdos da vida de fé, a confusão entre o sagrado, ética e a sobrevivência da igreja é estabelecida e transmitida por meio do emprego exacerbado da mídia. A religião, nesse âmbito, torna-se mercadoria.

### **3.2 Religião, mídia e mercado consumidor**

As religiões como vimos, nascem no contexto do mistério, realidades da antropologia cultural que têm desafiado a ciência na sua tentativa de decifrar a vida do ser humano no mundo. No entanto, as práticas religiosas, socialmente reconhecidas e culturalmente incorporadas na história da humanidade, devem à teologia eclesial o método que contempla o objeto da fé e da revelação como seus principais eixos na produção de conhecimento.

No Brasil, precisamente no campo evangélico de concepção neopentecostal o conceito de religião arraiga-se em comunidades ou sociedades em que há uma espécie de disputa competitiva entre as distintas denominações evangélicas, em busca da maior quantidade de devotos possíveis. Como critério maior de abarcamento deve se levar em conta a priorização de assuntos que compreendem a evangelização. Quanto mais pessoas puderem ser alcançadas, mais perfeito. No cenário nacional brasileiro, determinadas denominações neopentecostais de maior expressão midiática são marcadas por disputas entre si, tendo como mercancias simbólicas: a fé, a religião, a ética, o uso da mídia.

---

<sup>113</sup> CARNEIRO, Henrique F.; RIOS, Clauberson S. N. *O neopentecostalismo e os novos discursos religiosos Contemporâneos*. *Revista Polêmica*, Rio de Janeiro, v. 16, jul./set. 2005. p. 2. Disponível em: <[http://www.polemica.uerj.br/pol20/oficinas/artigos/lipis\\_4.pdf](http://www.polemica.uerj.br/pol20/oficinas/artigos/lipis_4.pdf)>. Acesso em: 23 jul. 2012.



O alvo é a conquista de mais e mais adeptos (consumidores) e através destes um considerável retorno financeiro. Nuzzi e Barros Filho defendem que “o consumo cultural mediático marca socialmente o receptor, classifica-o em grupos de consumidores (por exemplo, com maior ou menor capital), discriminando-os de outros consumidores”.<sup>114</sup>

Essas disputas, suas *práxis*, são comercializadas pelos produtores dos bens simbólicos e estão sujeitas necessariamente ao poder e persuasão alegórica da alocação, ou seja, de que maneira ela é deglutida, entendida e incorporada pelos adeptos.

Para alcançar tal escopo de abarcamento, os anunciadores ou mercadores do evangelho, da fé, da religião e da ética têm-se prevaído da mídia, desde as suas formas menos tardias até a mais tardia, incluindo as novas tecnologias.

Entendemos também que devido ao envolvimento de um considerável número de igrejas e denominações diferentes, particularmente as de concepção neopentecostais, a teologia evangélica revela uma variedade notável; mas existem pontos em comum que refletem um impacto exercido pela corrente principal da Reforma Protestante. Destarte, no que se refere ao fenômeno religioso, os temas aos quais é atribuída importância capital na teologia evangélica são: “a soberania e autoridade de Deus Trino”; a “autoridade e inerrância da Bíblia Sagrada”; o “anúncio e o ensino do evangelho”; o “cumprimento dos mandamentos de Deus”; a “radical infiltração do pecado”; a “morte”; a “ressurreição”; o “arrebatamento”; a “expição vicária”; a “salvação por meio da graça”; o “arrependimento”; a “remissão dos pecados”; a “justificação por meio da fé”; a “experiência da conversão”; os “sacramentos”; o “batismo com ou no Espírito Santo”; a “comunhão”; o “perdão e o amor”; o “fruto do espírito”; o “chamado à santidade pessoal”; a “santidade ao Senhor”; o “sacerdócio comum dos crentes”; os “dons espirituais”; o “Reino de Deus”; a “Grande Comissão”; “urgência da missão”; os “finais dos tempos”, a “parousia - παρουσία”.

O Senhor Jesus Cristo, o Único e Suficiente Salvador, não constituiu uma simples comunidade de discípulos, mas fundou a Igreja como mistério salvífico, sendo Ele a cabeça e a Igreja, o corpo. A unidade e a unicidade da Igreja vêm da própria unidade da Trindade Santa, o Israel menos tardio, inicialmente o único povo escolhido de Deus no Antigo Testamento (AT), contemporiza-se no singular povo de Deus no Novo Testamento (AT), a Igreja.

---

<sup>114</sup> NUZZI, Erasmo F.; BARROS FILHO, Clóvis. *Globalização, mídia e ética: temas para debates em curso de comunicações social*. São Paulo: Plêiade, 1998. p. 175.

Jesus Cristo tem um só Corpo e uma só Esposa, daí vem a exigência monogâmica do matrimônio cristão, que é espelho da união de Cristo com a sua única Esposa. Além das notas clássicas da Igreja – unidade, santidade, catolicidade, apostolicidade – os protestantes da tradição reformada diferentemente dos neopentecostais têm grande consideração por duas práticas características: a prédica cujo homileo é calcado na exegese e hermenêutica das Sagradas Escrituras e a “administração correta dos sacramentos”, o que significa implicar a prática visível do rito religioso.

Sob o impulso do puritanismo e do pietismo, muitos protestantes sustentam também a disciplina eclesiástica, a atividade missionária e a comunhão de amor como signo autêntico da plenitude eclesial.<sup>115</sup> Neste sentido, verificamos os mais diversos processos ou métodos de ascensão na escala hierárquica clerical, independentemente desenvolvidos pelas inúmeras denominações protestantes em atividades particularmente em todo o território brasileiro.<sup>116</sup>

Após a concretização da maior aliança de Deus Pai para com sua criatura humana através da salvadora e gloriosa passagem de Jesus Cristo aqui no planeta Terra, ato contínuo a instalação da Sua Igreja, no transcurso da igreja primitiva do século I, o apóstolo e teólogo Paulo de Tarso, inspirado pelo Espírito Santo de Deus, produz fartos temas teológicos delineados, nas denominadas cartas paulinas.

Boa parte da força de que goza, hoje, o movimento evangélico está relacionada às organizações neopentecostais, que fazem um esforço peculiar com o apoio dos meios de comunicação social para a divulgação da fé em tom evangélico. Focando as pessoas menos assistidas, os dependentes químicos, os viciados em drogas, os dependentes físicos, doentes físicos, os mentais e outros males, endividados, casais e famílias destruídas, indivíduos

---

<sup>115</sup> Para Cairns: “os puritanos entendiam que muitos ‘trapos do papado’ continuavam na Igreja Anglicana e queriam purificá-la de acordo com a Bíblia, aceita por eles como regra infalível de fé e prática. Por isso receberam a alcunha de puritanos a partir de 1560”. Puritana é uma expressão pejorativa utilizada pelos contrários aos membros de uma confraria de protestantes radicais que se desenvolveu pós-reforma protestante, finais do século XVI e princípios do século XVIII na Inglaterra. Os próprios puritanos não usuram, de forma genérica, tal expressão para se autotitular. Defendiam o calvinismo (doutrina da predestinação) e rejeitavam tanto a Igreja Romana como a Igreja Anglicana. “Um dos ramos do puritanismo que derivou o movimento batista”. CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 303.

<sup>116</sup> Segundo Weber, “o pietismo [...] queria tornar a invisível Igreja dos eleitos visível sobre a terra. Sem ir tão longe para se tornar uma seita separada, seus membros tentavam viver, em tais comunidades, uma vida livre de todas as tentações do mundo e dedicada, em todos seus pormenores, à vontade de Deus, e com isso obterá certeza de seu próprio renascimento, pelos sinais externos manifestados em sua conduta diária [...] Assim, a *eclesiola* dos verdadeiros convertidos, e isso era comum a todos os grupos genuinamente pietistas, visava, por meio da intensificação do ascetismo, desfrutar a bem-aventurança da comunhão com Deus ainda nesta vida”. WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2003. p. 100.

psicopáticos, pessoas identificadas como possesas com algum tipo de demônios. Lembramos que o movimento supracitado está redondamente focado da teologia da prosperidade e da libertação.

A vida comunitária, inserida na pertença à Igreja, a comunidade evangélica como testemunho de fraternidade entre seus membros, constitui-se em um meio de irradiar a fé e as crenças no contexto da cultura midiática. A fé se revela de diferentes formas e pode estar conectada a demandas emocionais, tais como proporcionar novo conforto em períodos de tormentos, angústias despojados de garantias de porvindoura melhoria, em rol com esperança e a pretextos tidos rigorosamente subjetivos e egocêntricos ou moralmente altivos.<sup>117</sup>

Tanto na mídia como no templo, a adoração, o culto a Deus, tornou-se dúbio, confuso, pois, ao contrário de cultuar e reverenciar o Senhor, desenvolve-se avalanche de campanhas de prosperidade, de libertação, de curas, de manifestações proféticas e apocalípticas. E desta maneira, se a *shekinah* se fizer presente nos cultos, estará cumprindo a agenda e não para ser cultuado, adorado, reverenciado e louvado.<sup>118</sup> Durante a liturgia, observam-se expressões como: “tá repreendido”, “tá amarrado”, termos bastante corrompidos de um modelo bíblico em que o realce incide sobre prodígios, de comprovação questionável, como milagres, curas e depoimentos abluídos a emoções, bastante tediosos que derivam mais em favor da projeção subjetiva do que em consagração ao Adorado Senhor.

Uma das particularidades da tradição coeva é o encontro, nos aspectos e nas *práxis* cristãs e sociais, especialmente quando o tema é o neopentecostalismo, destarte como de dessemelhantes concepções sobre o contubérnio e a religião adjudicadas à mídia. Em tal conjuntura, a concepção de contubérnio, permeada por ideias religiosas, é revista; também o ponto de vista de religião, permeada por ideias sobre a intimidade, recebe influência dos novos olhares que sobre ela recaem. Tal fator se torna significativo, uma vez que tanto a

---

<sup>117</sup> YOUNGBLOOD, Ronald F. *Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 500. “Esperança - expectativa confiável. Na Bíblia, a palavra “esperança” significa o ato de esperar (Rm 4.18; 1Co 9.10). A esperança não surge dos desejos ou anseios individuais, mas de Deus, que é ele mesmo a viva esperança do cristão: ‘Tu és a minha esperança’ (Sl 39.7). A esperança genuína não é pensamento fantasioso, mas uma firme segurança em algo não visível e ainda futuro (Rm 8.24-25; Hb 11.1. 7)”.

<sup>118</sup> O termo *shekinah* é uma transliteração da raiz hebraica “shkn” = habitar. Este termo “shkn” é bastante utilizado pelos targumitas, rabinos e admitido pelos cristãos. Alude-se à glória visível de Deus habitando no meio do seu povo. Não obstante a expressão “*shekinah*” não apareça na Bíblia, há alusões à glória de Deus - *shekinah* - em vários textos. A glória divina está presente no templo e na cidade celestiais (Ap 15.8;21.23); observada na transfiguração de Jesus (Lc 9.32) e será evidenciada na Segunda Vinda de Jesus Cristo (parousia) quando Jesus voltar à terra (Mc 8.38).

religião como a intimidade são aspectos centrais tanto na composição das identidades individuais como na estruturação da sociedade e das relações sociais.

Quase a totalidade das programações evangélicas apresentadas na mídia escrita, ouvida, falada e virtual não contém uma exposição bíblica sequer razoável, que possa tirar o leigo, o neófito, da ignorância teológica plena ou aperfeiçoar teologicamente constituídos de certa vivência cristã. As prédicas são desprovidas de conteúdo fundamentalmente bíblico, derivam do termo “eisegese”, sustentam inconsistentes hermenêuticas e exaustivamente apelam para práxis do discurso da “autoajuda”. Farta promoção e implementação de “campanhas disso ou daquilo” obviamente girando em torno arrecadações financeiras (dinheiro). São inúmeros os ensinamentos e experimentos doutrinários que suplantam os princípios bíblicos, depondo contra ela. O fato de Cristo ter asseverado que faríamos obras maiores refere-se ao quantitativo, e não ao qualitativo delas.

Não são poucos os “protagonistas evangélicos” que se valem da mídia e da “fé dos ouvintes”, e optam por agir de forma a subestimar a inteligência comum, o cognitivo dos ouvintes, dos telespectadores e dos internautas, transmitindo-lhes mensagens com vários tores, muito copiosamente “declarações positivas”, assaz raramente “negativas”, bem longe de uma realidade verdadeiramente espiritual. São pleonásticos, pronunciados e entendidos de forma corriqueira, banal.

O espaço devido à adoração é habitualmente corrompido profundamente pela módica cobrança ou coleta, por vezes constrangedora, de contribuições na maioria das vezes abarcadas na ausência de bom senso. Paradoxo aos ensinamentos bíblicos, estimuladas enfaticamente por dúbias promessas aos coletados de que céleres solutos calharão, ato contíguo de Deus, ignoto o soberano kairós (καιρός) d’Ele.

Por estes fatos, comumente o discurso do pressuposto “guru espiritual”, que conduz o seu programa religioso adjudicando ser o “ungido do Senhor”, “homem de Deus”, “o enviado do Senhor”, passa ter um qualitativo paralelo, pelo menos em tese, ao da Palavra de Deus e o que ele define passa a ser professado como regra de fé e práxis pelos fiéis.

A mídia escrita, falada, ouvida, virtual, os meios de comunicações de massa sem sombra de qualquer suspeição, são uma arena propícia e úbere para prolixidade, expansionista e ação desse prosélito expediente de caráter ofício religioso, especialmente se considerarmos que o pano de fundo da iniciativa religiosa consiste de todo um feitio industrial ou mesmo

empresarial, que transforma a fé em mercadoria e os fiéis em clientes ou pacientes. Fé essa cujo conteúdo nas Sagradas Escrituras surge em certos patamares e esperas conspícuas. Nesse sentido Caio Fábio expõe:

1. A fé como confiança [...] especialmente nos evangelhos e nos textos relacionados à salvação (Mt 8.10; 9.2; 15.28; 17.20; Mc 9.24; Rm 1.17; 2Co 5.7). 2. A fé como sistema de verdades [...] ainda que uso não se restrinja a elas (At 6.7; 8.13; Rm 1.5; 2Co 13.5; Gl 1.23; Fp 1.27; Cl 1.23; 1Ts 3.5). 3. A fé como atitude de resistência frente à dor [...] daqueles que não desistem do cristianismo mesmo frente à tribulação, à perseguição e às privações (1Co 16.13; 1Tm 3.13; 6.12; Hb 11.33-38). 4. A fé como comportamento coerente com o discurso cristão [...] é a integração entre ortodoxia e ortopraxia, isto é, a correção dos erros (Gl 6.10; Ef 1.15; 1Ts 1.3; 1Tm 1.5; 1.19; 4.12; 5.8).<sup>119</sup>

A relação entre a Igreja e o poder da mídia acontece no espaço cultural no qual se realiza a evangelização no mundo contemporâneo. O diálogo entre a fé evangélica e a cultura midiática abre hoje novas fronteiras para a evangelização, para a missão de evangelizar o ser humano na sua experiência do fenômeno religioso e que adquire, neste contexto, formas de expressão dignas de serem analisadas e interpretadas nas suas práticas ritualísticas ante os novos altares que são erigidos em favor de uma sociedade de consumo e do espetáculo.

A Igreja esteve sempre presente nos meios de comunicação de massa para fazer valer seu modo de pensar e disseminar seus dogmas junto à grande massa “desgarrada” que precisa de um pastor.<sup>120</sup> Segundo Sathler:

Algumas organizações religiosas parecem se adaptar a exigências de um tempo marcado pela lógica do entretenimento de grande escala midiática. Trata-se de mais um fenômeno cultural da sociedade contemporânea. O conhecimento passa a ser predominantemente construído por meio de imagens e emoções. [...] A religião parece aumentar sua presença nesse ambiente. As igrejas e movimentos mais tradicionais sentem dificuldade de transpor suas mensagens para esses novos meios. [...] Dentre as lideranças religiosas, quem não se adaptou à nova realidade frequentemente vê seus templos vazios ou não terem o crescimento do número de fiéis como gostariam.<sup>121</sup>

Hoje, uma bênção de um líder religioso pode ser vista instantaneamente do local dado por mais longínquos confins da terra cobertos pelas imagens televisivas. A participação do telespectador é dinâmica: no momento da oração, este é convidado a fechar os olhos, ou

<sup>119</sup> D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio D'Araújo. *Síndrome de Lúcifer*. Rio de Janeiro: Semeiar, 2001. p. 132.

<sup>120</sup> MARTINO, Luis M. S. *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*. São Paulo: Paulus, 2003.

<sup>121</sup> SATHLER *apud* MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria C.; BRAUN, Ana C. (Orgs.). *Mídia e religião na sociedade do espetáculo*. São Bernardo de Campo: UMESP, 2007. p. 79-80.

colocar a mão na tela junto à mão de seu interlocutor ou mesmo colocar sobre o aparelho um objeto que fará parte daquele momento de concentração para a prece, muitas vezes, um copo com água ou um lenço. A instituição religiosa rendeu-se ao efeito de burocratização inclusive em aspectos organizacionais hierárquicos, descrição de suas funções, nomeações, promoções, carreiras para a formação profissional dentro do sistema religioso da instituição. O quadro tornou-se bem diferente do que existia antes, no qual o indivíduo era aclamado sacerdote ou levita, e levava consigo essa responsabilidade por toda a vida. Hoje existem planos de carreira: o indivíduo pode começar com um cargo específico e posteriormente mudar, se surgir o azo e a oferta para tal. Além dessa análise organizacional, o pesquisador aborda, em seu livro *Mídia e poder simbólico*, a questão denominada por ele de “religião fast-food”: a dos novos perfis religiosos. Entre os evangélicos encontramos a Rede Record, pertencente à IURD, porém é uma rede comercial e são poucos os programas ligados à igreja, a não ser aqueles que são apresentados pela madrugada. Estes programas, a liturgia, são redondamente norteados pela doutrina e práticas neopentecostal.

Qualquer evento cuja participação da televisão se faz presente, esta em grande escala favorece e colabora na manipulação de escolha, na exploração da fraqueza da fé, na geração de confusão ou conflito conceitual do telespectador, e por ser mais rápida propicia uma maneira lenta de raciocínio, de posicionamento, de uma avaliação consistente e uma provável rejeição do telespectador. A busca pelo que é mais acessível e agradável se expressa no pouco profundo das crenças, na priorização dos laços entre religião e entretenimento, na ideia de que a religião organiza o tempo livre.

O capitalismo transformou nossa cultura em um cenário de consumo generalizado, no qual tudo pode ser comercializado e os valores reais vão ficando em segundo plano. Nesse contexto, a propaganda surge como um recurso de encantamento, um meio de persuadir as pessoas a consumir cada vez mais.

Nos programas televisivos promovidos pela IURD, pela Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) e pela Igreja Mundial, é evidente uma disputa exacerbada, tendo como prioridade o depoimento dos fiéis que receberam algum prodígio, uns que chegaram à congregação pela primeira vez, outros com pouco tempo de igreja e outros tanto com mais tempo, porém todos com depoimentos impressionantes e impactantes.

Articulados e escolhidos ou não, tais depoimentos provavelmente fazem parte de estratégias e propagandas cujo intento nos parece claro estimular, influenciar e impactar a

mente dos telespectadores, do que pelos menos em tese advirão os resultados positivos das intenções conjecturadas dos líderes de cada uma dessas denominações. Já estratégias, métodos e até mesmo meios de comunicações díspares utilizados pelos menos tardios adeptos do protestantismo já não surtem os efeitos dantes obtidos. Entendemos que a mídia forma opinião, faz a cabeça e influencia o posicionamento do ouvinte, do leitor, de quem nota, enfim do receptor. Al Ries comenta que: “o mercado hoje não reage mais às estratégias que deram certo no passado. Com a comunicação do seu lado, nada é impossível”.<sup>122</sup>

A Rede Internacional de Televisão (RIT TV) pertence à IIGD, do missionário R. R. Soares,<sup>123</sup> e sua programação televisiva consta dentre outros de: Show da Fé, telejornal Toda Hora, curso bíblico, eucaristia, liturgia, cultos e shows evangelísticos com grande envolvimento de prodígios e emoções, programação sempre fiel no sentido e caráter religioso e na doutrinação da denominação promotora calcados em princípios neopentecostais. A IURD também possui um aglomerado de rádio e televisão, com ênfase maior na programação secular do que na evangélica. Já os grupos do pastor Silas Malafaia e do apóstolo Valdomiro Santiago utilizam-se da mídia alugando espaços na mídia televisiva, onerando em muito suas despesas e induzindo-os à práxis de mais multifaces na mercantilização da fé, na geração conflitante entre o sagrado, a ética e a sobrevivência da fé.

Contra a idolatria do mercado devemos reafirmar a nossa missão: sermos testemunhos da ressurreição de Jesus, sermos anunciadores de Jesus. A melhor forma de negar a transcendentalização do mercado que sacrifica os pobres é testemunhada que Deus, mesmo presente no mundo, não se identifica com ele e nem com nenhuma outra instituição, porque é totalmente transcendente. Neste sentido é importante explicitarmos que a missão da Igreja é uma missão religiosa. [...] Sabemos que no sistema de mercado “bebeu” de uma determinada configuração histórica do cristianismo a sua teologia sacrificial.<sup>124</sup>

Em nosso dia a dia, o protestantismo através da mídia televisiva agencia inúmeras programações e intensas informações, propostas, estratégias, campanhas, empreitadas cujos sentidos e escopos são os mais distintos. Uma das coisas que avocam a atenção é o tipo de argumentação que comboiará apontado produto, e que poderá ou não gerar a cupidez em seu *target*, ou seja, em seu possível consumidor, de maneira especial em um veículo como a televisão, um dos meios mais eficazes para impetrar amplas massas. Rocco glosa: “o verbal da televisão é oralidade e é escrita, sendo também, e a um só tempo, outro tipo de verbal em

<sup>122</sup> RIES, Al. *Posicionamento: como a mídia faz sua cabeça*. São Paulo: Pioneira, 1987. p. 4-15.

<sup>123</sup> Disponível em: <<http://www.rittv.com.br/>>. Acesso em: 28 nov. 2011.

<sup>124</sup> MO SUNG, 2010, p. 137-141.

que ambas as modalidades são submetidas a rigorosos e diferentes processos de construção, conforme as regras do próprio veículo”.<sup>125</sup> Não podemos descartar que em algum momento a mídia em especial a televisiva faz crer naquilo que não é. Pode apresentar algo, parecer ser um espelho da realidade, um relato fidedigno do que acontece nos bastidores; no entanto, a comunicação, a apresentação veiculada na televisão é resultante de uma compilação, de uma edificação, não tendo em tempo algum, jaezes de refletir o fato real. Com efeito, em algum ponto, se pesquisarmos e avaliarmos a imagem que uma determinada denominação protestante, utilizando-se de comunicação de massa, projeta imagens em torno de suas atividades e produtos religiosos, é possível descobrir a verdade de que há algum pequeno sinal ou marca que segue a mesma linha do outro e leonino. O dolo, a má intenção, o objetivo exclusivo se exhibe, ainda com maior ênfase, no caso em que as estratégias, os mecanismos, os instrumentos são objetos de pugna entre denominações, doutrinas cujos articuladores buscam captar meios para atuarem especificamente nos seus alvos. A questão autoridade fidedigna é percebida pelo telespectador como habitual, proveitosa e até imperativa e ela depende da aceitação da maioria. Isto sugere que fica mais simples perceber que a televisão, como propagador de programas, eventos e imagens, é um extraordinário recurso para atingir um resultado excepcional de legitimação.

O evangelho de Cristo Jesus é para ser anunciado e ensinado. O uso de todos os recursos e expedientes disponíveis especialmente através da mídia é recomendável, mas os princípios bíblicos e éticos devem ser rigorosamente preservados.

### **3.3 Os neopentecostais, a igreja eletrônica e a utilização da mídia**

Os anos 1970 no Brasil foram marcados não apenas pelo surgimento do neopentecostalismo, mas também atrelado a ele, o despontar de um novo tema religioso: o televangelismo, fazendo brotar o que hoje conhecemos como “Igreja Eletrônica” brasileira. A transformação acelerada dos meios de comunicação engloba a televisão, sua procura e uso tornou-se essencial para o protestantismo, particularmente entre os neopentecostais. Esta alteração está estreitamente vinculada ao mundo técnico-científico. Neste fato específico, para Boff, “Deus não aparece em nosso mundo como fenômeno. [...] O Deus-Mistério está no

---

<sup>125</sup> ROCCO, Maria T. F. *Linguagem autoritária: televisão e persuasão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.



mundo técnico-científico, mas retraído, olvidado, silenciado. Porque não se fala dele não significa que não esteja presente, ou seja, negado. Ele está lá no pudor do silêncio”.<sup>126</sup>

Freitas e Barros Filho comentam que: “as mudanças no campo da comunicação, insistimos, estão ocorrendo vertiginosamente. [...] No setor da televisão, com seu imbatível poder de levar os telespectadores diretamente à cena dos acontecimentos”.<sup>127</sup> Trata-se, na realidade, de uma espécie de reprodução da produção televisiva religiosa norte-americana, onde os televangelistas autônomos, sem ligação direta com nenhuma denominação religiosa, alugavam horários e proferiam suas mensagens evangélicas. Assmann destaca que o termo Igreja Eletrônica nasceu nos Estados Unidos e veio a designar um fenômeno originado a partir das décadas de 1950 e 1960, no contexto do macarthismo.<sup>128</sup> A denominada ‘igreja eletrônica’ é um novo canal na mídia que evidencia a modernidade, aberto à divulgação do evangelho de Cristo. Segundo Lacerda:

O conceito de “Igreja Eletrônica” foi alçado às Igrejas que seguem a uma fórmula de atuação que se fundamenta em três pilares: reza, cura e salvação. Normalmente essas “igrejas” têm uma ligação intrincada com a arrecadação financeira e trabalham com a ideia de “teologia da prosperidade”, ou seja, quando se tem fé, esta lhe garante a prosperidade, um bom emprego ou o sucesso de um empreendimento, mas é claro que a fé pressupõe a doação financeira a essas denominações.<sup>129</sup>

Para que possamos compreender a Igreja Eletrônica, é importante esclarecer que tal expressão já está bastante propagada na atualidade. Segundo define Capparelli e Santos, o conceito de “Igreja Eletrônica” foi denominado para as Igrejas que seguem a uma fórmula de atuação que se fundamenta em três pilares: reza, cura e salvação, ao mesmo tempo em que utilizam a mídia para a divulgação desses pilares.<sup>130</sup> Tal terminologia, ainda que englobe outros meios de comunicação, está voltada fundamentalmente para o espetáculo religioso televisivo. Segundo Cardoso: “a TV comercial torna-se, sem dúvida, um campo fértil para a difusão e expansão da Igreja Eletrônica, principalmente, se considerarmos que por trás da

<sup>126</sup> BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 21.

<sup>127</sup> FREITAS, Erasmo de; BARROS FILHO, Clóvis. *Globalização, mídia e ética: temas para debates em cursos de comunicação social*. São Paulo: Plêiade, 1998. p. 63.

<sup>128</sup> ASSMANN, Hugo. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina: convite a um estudo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

<sup>129</sup> LACERDA, Lucelmo. *Fogo da televisão ofensiva eletrônica da Renovação Carismática Católica*. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, n. 58, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 22 out. 2011.

<sup>130</sup> CAPPARELLI, Sérgio; SANTOS, Suzy dos. *Crescei e multiplicai-vos: a explosão religiosa na televisão brasileira*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, Porto Alegre, n. 11, 2004.

iniciativa religiosa, há todo um aspecto empresarial, ou mesmo da indústria, que transforma a fé numa mercadoria”.<sup>131</sup> Para Alves, o que se acordou em chamar de Igreja Eletrônica, na verdade, é uma religião de cunho essencialmente comercial.<sup>132</sup> Para o autor, os programas religiosos da televisão, não só no Brasil, mas em todo o território mundial em que estão presentes, pautam-se pela lógica do mercado.

Para que possamos compreender as especificidades de tais programas televisivos religiosos, tomamos Cardoso que pontua que as Igrejas Eletrônicas, no contexto brasileiro, possuem diversas características e aspectos peculiares. Cardoso elenca que:

1. Trata-se de programas veiculados nacional ou internacionalmente; 2. As apresentações são feitas por meio de, pelo menos, uma liderança de significativo peso carismático; 3. Sempre há a solicitação de recursos aos telespectadores para a sustentação dos programas ou das estruturas que os mantém; 4. Contam geralmente com elevados custos de produção e veiculação; 5. Vendem produtos, tais como livros e discos através dos programas; 6. Possuem sistema de controle por telefones, cartas e computação de simpatizantes, colaboradores e telespectadores em geral.<sup>133</sup>

Cardoso também aborda a ênfase na venda de outros objetos religiosos (diferentes de livros e CDs). Na realidade, tais objetos são preparados para a percepção, por parte dos telespectadores, de serem portadores de uma “natureza” sagrada, pois passam a ter o mesmo princípio sacramentalista, tão criticado nos discursos da maioria dos televangelistas. Também ocorre o processo de mercantilização da fé, pois a mídia é largamente usada e ordenada pelo sagrado. Por fim, Alves afirma que: “o modelo publicitário das Igrejas Eletrônicas da atualidade consiste na sacralização do modelo capitalista, o que, segundo ele, poderia se chamar de marketização da fé. É desta base que sairão as técnicas de captação de fundos”.<sup>134</sup>

Não obstante as formas de televangelismo das décadas de 1960 e 1970 terem sido gradativamente obscurecidas, elas se configuram como as bases para os programas neopentecostais da atualidade. Afinal, como argumenta Lacerda, o que se viu na sequência foi uma explosão religiosa na televisão brasileira, com várias igrejas, sobretudo as

---

<sup>131</sup> CARDOSO, Onésimo. *A Igreja Eletrônica: os programas religiosos na televisão brasileira*. Comunicação e Sociedade, São Bernardo do Campo, ano VI, n. 12, out. 1984. p. 6.

<sup>132</sup> ALVES, Carlos A. *O fenômeno da Igreja Eletrônica: Deus está no ar*. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. p. 11.

<sup>133</sup> CARDOSO, 1984, p.7.

<sup>134</sup> ALVES, 2000, p.11.

neopentecostais, alugando espaços nas redes de televisão, inclusive em horário nobre, e outras concessões de televisão dadas a grupos religiosos.<sup>135</sup>

Na verdade, a influência dos televangelistas pioneiros é mais sentida no neopentecostalismo da atualidade. Mesmo assim, vale lembrar, que a televisão, desde a sua entrada no Brasil na década de 1950, reproduz o consagrado modelo comercial dos Estados Unidos. Com os programas religiosos não é diferente, o modelo é secularizado, conseqüentemente, as mensagens comerciais e religiosas se confundem e se apresentam no mesmo espaço midiático.

Segundo Assmann, a penetração das Igrejas Eletrônicas na América Latina ocorreu em paralelo com a expansão do capitalismo, o que gerou um considerável e meteórico crescimento da televisão no peculiar estilo norte-americano.<sup>136</sup> Na realidade, a forma de utilização da televisão na década de 1960 ainda era muito experimental. Isso fez com que os investimentos iniciais dos televangelistas pentecostais encontrassem diversos tipos de problemas, além da linguagem inadequada. Somava-se a esta inadequação a falta de recursos financeiros e a própria inexperiência com o meio.<sup>137</sup> O slogan “quem não souber fazer TV vai ter a Igreja vazia” pode encontrar respaldo na configuração mercadológica da atualidade.

Conseqüentemente o modelo foi, de forma gradual, sendo aceito e estruturado em cima dos comunicadores da fé católica. Tais comunicadores eram respaldados como figuras de credibilidade que repetiam ritualisticamente os jargões, simplificando os conceitos com os quais trabalhavam e tornando-os fáceis de serem assimilados.

Hoje, os programas religiosos neopentecostais podem ser vistos em abundância, tanto na televisão aberta, como em UHF, mesmo não atingindo patamares extraordinários de audiência, se comparados a outros formatos televisivos. Estudiosos do fenômeno Igreja Eletrônica como Campos e Assmann<sup>138</sup> postulam que esses programas comprovam que a televisão se tornou, definitivamente, uma arma poderosa para as religiões, principalmente para os neopentecostais. Com efeito, quando lemos o artigo “A Igreja Eletrônica: o programa religioso na televisão brasileira”, escrito e publicado no ano de 1984 por Onésimo Cardoso, ficamos surpresos com as semelhanças entre as Igrejas Eletrônicas da época e as dos dias atuais. O autor registra que a maioria dos televangelistas transforma a Bíblia em um livrinho

---

<sup>135</sup> LACERDA, 2006.

<sup>136</sup> ASSMANN, 1986.

<sup>137</sup> CAMPOS, 1997, p. 282.

<sup>138</sup> ASSMANN, 1986.

de receitas para curar diferentes doenças e resolver desde os problemas mais sérios (desemprego, desajustes conjugais, vícios...) até mesmo enxaquecas e dores de cabeça, muito semelhante ao formato dos dias atuais.

Na realidade, temos que considerar que o próprio uso do meio não pode ser dissociado de outras esferas da vida do país, pois essa abundância religiosa na televisão é uma das facetas da ampla disseminação religiosa na esfera política e econômica recente.<sup>139</sup>

Assim, vemos por meio do crescimento e manutenção dos televangelistas da atualidade emergir a suposta viabilidade e eficácia das suas propostas e promessas, gerando, em contrapartida, a credibilidade às suas falas. Isso também só é possível por conta do próprio carisma, já mencionado anteriormente. É este carisma que permite para a maioria dos televangelistas neopentecostais adquirir espaços na televisão e no rádio, conquistando uma audiência fiel e verdadeiramente interessada em ver ou ouvir alguém que é “encarnação” latente de fama, sucesso e felicidade.

Os televangelistas neopentecostais fazem das suas mensagens verdadeiros espetáculos televisivos para um público ávido por soluções de problemas de forma mágica e rápida. A sociedade moderna demanda produções de espetáculos e este fato certamente não é ignorado pelo televangelistas neopentecostais. Segundo Debord:

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. [...]. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo. [...]. O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência. Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada. [...]. O espetáculo não pode ser compreendido como abuso do mundo da visão ou produto de técnicas de difusão massiva de imagens.<sup>140</sup>

E, apesar de não ser difícil identificar certo uso inadequado nas estratégias midiáticas e no discurso dos televangelistas, estes conseguem interagir e colher resultados significativos com suas pregações eletrônicas, cuja temática principal é a da “mudança de vida”. Para isso, os telespectadores têm que agir. Esta ação, resultado da crença, é a mola propulsora para que os fiéis busquem intensamente a saúde e a prosperidade, saindo da frente da televisão e

<sup>139</sup> SANTOS; CAPPARELLI, 2004.

<sup>140</sup> DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*. Versão para eBook eBooksBrasil.org 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>>. Acesso em: 10 out. 2012. p. 1-6.

buscando os templos das igrejas.<sup>141</sup> Tal fenômeno é percebido porque as denominações neopentecostais dirigem seus cultos e suas pregações às massas. Assim, utilizam diversos meios de comunicação como o rádio, a televisão ou a mídia impressa e recebem, em contrapartida, uma grande adesão do público atingido. Obviamente esta desenvoltura é vista devido aos muitos programas de rádio e televisão veiculada na atualidade. Neles, as ênfases mais convincentes ficam por conta dos anúncios de curas fantásticas e de diversos milagres.

A sistemática utilizada dos testemunhos é bastante contundente, com forte dramatização da fé inclusive, na mídia, alguns programas reproduzem, através da dramatização, toda a história do testemunho considerado vitorioso, e isso certamente encoraja outros a tomarem o mesmo caminho em busca de resultados semelhantes.

No que tange à ética, valorização da concorrência e a procura do ganho são adaptadas às concepções burguesas do período menos tardio histórico em que se desenvolvia o capitalismo, como afirma Max Weber:

Mas o que era ainda mais importante: a avaliação religiosa do infatigável, constante e sistemático labor vocacional secular, como o mais alto instrumento de ascese, e ao mesmo tempo, como o mais seguro meio de preservação da redenção da fé e do homem, deve ter sido presumivelmente a mais poderosa alavanca da expressão dessa concepção de vida que aqui apontamos como espírito do capitalismo.<sup>142</sup>

A maior dificuldade pertinente às igrejas e às lideranças evangélicas em um número bastante expressivo, salientando uma parte da ala pentecostal e especialmente destacando os neopentecostais, é a carência, deficiência ou falta de ética cristã. Ética cristã que abarca múltiplos aspectos, desde a questão doutrinária até princípios morais acastelados pelo cristianismo bíblico. Integrante de um conjunto de plenos valores éticos estritamente calcados na Bíblia Sagrada, pelo qual o indivíduo deve controlar seu comportamento no mundo secular, diante de Deus, do seu semelhante e de si próprio.

---

<sup>141</sup> PATRIOTA, Karla M. *O fenômeno do marketing religioso: análise do discurso da Igreja Renascer em Cristo na mídia*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

<sup>142</sup> WEBER, 1989, p. 123.

## CONCLUSÃO

No Brasil, coexistem tendências na sociedade que admitem mundos coevos os quais recebem distintas alcunhas, tais como: sociedade capitalista midiática, sociedade do espetáculo ou da Era da mídia, sociedade global, sociedade do cognitivo ou sociedade do conhecimento. Em todas essas designações, o universo evangélico está presente, o prodígio neopentecostal da mídia tem espaço afeiçoado para esclarecimento e justificação. A difícil concepção doutrinária, a prática neopentecostal e a complexa malha de comunicação midiática estão deveras emaranhadas. As igrejas neopentecostais jogam todas as fichas na “mass media”, as quais acabam por abortar a condição de veicular representativo dos anseios democráticos da população e passam a desempenhar um moderno papel sucedâneo, organizativo, formulador e instituidor de expectativas consumistas.

Os evangélicos igualmente têm a responsabilidade de mostrar a compaixão e amor de Deus à sociedade, inclusive atuando como consciência moral, ética e fé, zelando pelo sagrado no cotidiano, particularmente quando se utiliza da mídia para demonstrar, professar e transmitir diante da radiodifusão, câmeras de televisão e nas novas tecnologias, as razões da fé cristã. No delinear desta dissertação, verificamos em determinados segmentos evangélicos que isto parece não acontecer. Particularizando, em menor escala, o grupo pentecostal e, em denso volume, o movimento neopentecostal, verifica-se que a mercantilização da fé cristã e da evangelização representam a tônica largamente praticada, gerando confronto do sagrado e da ética, relegando a sobrevivência da igreja aos moldes de um produto a ser consumido.

No primeiro capítulo, procurou-se avaliar o contexto religioso brasileiro neopentecostal desde alguns conceitos respeitantes à noção do fenômeno religioso, bem como levantar as diferenciações concernentes aos grupos que formam o objeto dessa pesquisa, a saber, o mundo neopentecostal no seu uso dos aparatos midiáticos. No capítulo segundo, intentou-se desenhar um panorama das mudanças que o projeto da modernidade trouxe para o mundo religioso ocidental, fundamentalmente ao contexto neopentecostal do Brasil. Apontou-se que o neopentecostalismo não flertou com a tradição racionalista da exegese bíblica e hermenêutica, mas preferiu conectar aos princípios da chamada pós-modernidade uma vez que o movimento se caracteriza justamente por aquela característica típica que promove a cada um a ter a sua própria igreja. Rompeu-se com a tradição que via na metanarrativa grupal a identidade e o projeto de um grande grupo ao qual se fundamenta a pertença. Por fim, no derradeiro capítulo, analisou-se o uso que os neopentecostais vêm fazendo da mídia e quais os

aportes midiáticos defendidos e, por vezes, elaborados desde a própria lógica daquilo que ficou conhecido como “mass media”, a massificação de informações com único intuito de formatar produtos a possíveis consumidores.

Weber detectou no espírito do capitalismo, tendo uma forte influência da ética de cunho calvinista, um sucedâneo secularizado da transcendência religiosa. Esse espírito gera uma mentalidade que não busca simplesmente o lucro e o acúmulo de riquezas, mas forma uma visão de mundo que influencia sobremaneira a conduta das pessoas. Para o autor alemão, dentre as várias correntes religiosas procedentes da Reforma Protestante, foi a doutrina calvinista a que mais teria contribuído para a força e a originalidade de uma moral econômica favorável ao capitalismo. Na sociedade contemporânea, o mercado competitivo se estende à esfera religiosa através dos veículos midiáticos, dentre eles o mais cobiçado, a televisão.

Com a doutrina da predestinação fundamentada pelo calvinismo, os fiéis foram se direcionando às atividades de trabalho de maior retorno econômico. O trabalho deveria ser produtivo e contínuo, pois a preguiça tinha o significado de pecado. Era fundamental melhorar o relacionamento com os clientes, conquistando-os: Weber, inclusive, dá o exemplo do atendimento do pedido perfeito como forma de manter a fidelização de clientes. Os adolescentes e jovens dividiam seu tempo entre os trabalhos e os estudos, qualificando-se para ocupar posições de responsabilidade e bem remuneradas nas empresas capitalistas; as famílias protestantes burguesas abriam mão do consumo de luxo e investiam seus recursos em novas atividades produtivas. Dessa forma, a ética protestante incentivava os devotos a terem uma vida austera, dedicada ao trabalho e à oração – que conseqüentemente os fazia enriquecer.

Toda essa devoção à formação técnico-educacional e ao trabalho especializado deu forma ao conceito de “*espírito do capitalismo*”, que objetiva primeiramente o aspecto profissional, sem deixar de fora a formação ética e comportamental. Em muitas instituições de ensino, na atualidade, a questão comportamental tem sido tema de debates para contribuir na formação do estudante. Muitas adotam sistemas de avaliação que não estão baseados apenas na nota que o aluno tira na “prova” e sim em um conjunto de parâmetros avaliativos com pesos distintos, conforme os critérios de cada instituição.

A difusão da reforma religiosa do século XVI e do sistema capitalista evidentemente não eliminou a pobreza. Enquanto uns prosperavam, outros continuavam tendo uma vida sem qualquer perspectiva por causa da situação social e financeira em que se encontravam. Isso se refletiu nos adeptos do pietismo, formado por pessoas simples, com um sistema de vida

religioso fortemente demonstrado em suas atitudes diárias e na maioria dos casos ocuparam posições menos favorecidas que os calvinistas na sociedade capitalista. Tal hegemonia do mercado lastreado pela técnica contribuiu para a geração do chamado *desencantamento do mundo*, conceito assumido por Weber. Opinião não desfrutada por Walter Benjamin, que na sequência de Baudelaire argumentava que na verdade não houve um desencantamento do mundo, mas simplesmente o advento do *capitalismo como religião*, a entronização da mercadoria e, portanto, do consumo, que a tudo desmancha no ar, perspicazmente colocado por Marx, abrangendo agora também o fenômeno religioso como um mercado.

Esta situação vem refletir diretamente na religiosidade contemporânea, na questão do culto religioso como mercadoria através do sistema midiático. Propostas de salvação material levam uma massa de pessoas a deixar sua identidade de fé cristã. Esta massa de pessoas acaba migrando para outras religiões, muitas vezes abandonando toda uma história de vida, família e ocupação pela sensação real ou ilusória de terem encontrado um novo caminho espiritual. Tal massa de pessoas em vez de se distinguirem por um retorno aos ensinamentos e à *práxis* dos princípios bíblicos opta por novas doutrinas que colidem com a tradição protestante, fortemente fundamentada no seguimento dos textos sagrados como aportes normativos. Têm-se multiplicado muito rapidamente práticas que misturam preceitos do “mundo” com as formas tradicionais da reforma protestante, confluindo em novas formas de lidar com o sagrado.

O problema central está em verificar como esse indivíduo age com as escolhas que faz. Com a modernidade capitalista e a modificação de todas as dimensões da vida em mercadoria, incluindo a dimensão religiosa, a perda da tradição e da sua autoridade torna-se irreparável, rompe-se assim o elo entre passado e presente, entre memória e tradição. A tradição transforma a verdade em sabedoria e a sabedoria consiste na verdade transmissível. A liberdade dos meios de comunicação para informar o público, criticar instituições da sociedade e ações governamentais, assim como transmitir programações cristãs, é essencial para uma sociedade justa. Isto deve ser usado com responsabilidade e discricção. A liberdade dada aos meios de comunicação implica uma responsabilidade especial para emissão de relatórios precisos e verdadeiros. O sensacionalismo que degrada, constrange, engana o ser humano e fere sua dignidade deveria sempre ser evitado.

As estratégias, os testemunhos, as *práxis* habituais de determinados segmentos evangélicos, mais evidentes no meio de inúmeras denominações pentecostais e muito mais



ainda nas neopentecostais em colóquio com os obstinados defensores da uma liberdade eticamente irresponsável da mídia servem apenas para prejudicar esse alvedrio. Com efeito, o que vemos na sociedade espetacular é o revestimento da mídia, particularmente a televisiva, em uma aura religiosa peculiar, que é manifesta na intensidade e quantidade de programas religiosos diários. Tais programações vão desde a transmissão integral de cultos e missas, dramatizações da vida real, testemunhos e consultas espirituais ao vivo, até a realização de milagres e exorcismos virtuais. Evidencia-se a transformação do sagrado pela mídia, como algo revolucionário que modifica a cultura e os princípios evangélicos.

Neste conjunto de alterações do panorama religioso evangélico, a mídia compõe, juntamente com o capitalismo globalizado e a lógica do mercado, o conjunto que perpetua o papel de intermediária, desenvolvendo a geração de uma moderna direção, significado e procedimento cultural religioso denominado “cultura gospel”. Esta cultura não é uma mera alteração do comportamento do evangélico, mas sim uma tática de incorporação à modernidade. Esta tática contém processos ou procedimentos conflitantes com a doutrina, a fé, a ética cristã e a própria mensagem do evangelho, conseqüentemente desencadeando uma série de equívocos, como práticas de banalização e a mercantilização da fé e do sagrado, dentre outros. Parece mesmo que a televisão, como importante integrante da mídia, ascendeu à categoria divina ao assumir para si atributos que antes eram reservados exclusivamente a Deus: onipresença, onisciência e onipotência. Afinal, onipresente, a televisão está em todos os lugares, nas mansões e nos barracos das favelas; onisciente, é capaz de apresentar todo e qualquer tipo de assunto; e é onipotente porque age, enfaticamente, sobre os telespectadores a ponto de transformá-los em consumidores ávidos e contumazes.

Dessa forma, o entretenimento presente no espetáculo religioso da atualidade, caracterizado essencialmente pela lógica da produção em série de imagens, revela-nos a atividade religiosa como show da fé. Isso traz a reboque o consumo dos cultos e programas religiosos na mesma qualidade de distanciamento e engajamento conceitual com que se consome a programação televisiva ficcional, e que, deste modo, só afeta os indivíduos emocionalmente durante a apreciação voluntária. Isso ocorre porque, na sociedade do espetáculo, “os sentidos triunfaram sobre a mente, a emoção sobre a razão, o caos sobre a ordem, o *id* sobre o superego”. Há nesse contexto, por conseguinte, um pacto velado que permite a dissociação da mensagem, assim que a emissão terminar. A ética protestante aqui não é do trabalho, mas do consumo.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Disponível em: <[http://monergismo.com/wp-content/uploads/confissoes-livro\\_Agostinho.pdf](http://monergismo.com/wp-content/uploads/confissoes-livro_Agostinho.pdf)>. Acesso em: 19 ago. 2012.
- ALLEN, James. *Os oito pilares da prosperidade*. São Paulo: Clio, 2011.
- ALVES, Carlos A. *O fenômeno da Igreja Eletrônica: Deus está no ar*. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- ALVES, Rubem. *O que é religião*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- ANDRADE, Claudionor Corrêa. *Dicionário teológico*. 13. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- ANTONIAZZI, Alberto. As religiões no Brasil segundo o Censo de 2000. *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, 2003.
- ASSMANN, Hugo. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina: convite a um estudo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- AULÉN, Gustaf. *A fé cristã*. São Paulo: ASTE, 2010.
- AZPITARTE, Eduardo L. *Fundamentação da ética cristã*. São Paulo: [s.e], 1995.
- Bíblia de Estudo Palavras-Chaves Hebraico Grego. Versão ARC. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- BARTH, Karl. *Carta aos romanos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.
- BERGER, Klaus. *Hermenêutica do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOBSIN, Oneide (Org.). *Desafios urbanos à igreja: estudos de casos*. São Leopoldo/RS: Sinodal, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Correntes religiosas e globalização*. São Leopoldo: CEBI/EST; Curitiba: PPL, 2002.
- BOEHNER, Philotheus; GILGON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOFF, Leonardo. *Depois de 500 anos que o Brasil queremos?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BOHN, Simone R. *Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral*. *Opinião Pública*, Campinas, v. 10, n. 2, out. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v10n2/22020.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2012.

BORTOLLETO, Fernando. *Dicionário Brasileiro de Teologia*. (organizador). – São Paulo: ASTER, 2008.

BOWKER, John. *Para entender as religiões*. São Paulo: Ática, 1997.

BUENO, Silveira. *Dicionário Silveira Bueno: com a nova reforma ortográfica da língua portuguesa*. São Paulo: didática paulista, 2009.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CAMPOS, Leonildo S. Neopentecostalismo. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José C.; KILPP, Nelson (Orgs.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

\_\_\_\_\_. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio/Umesp, 1997.

CAMURÇA, Marcelo. *A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000*. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

CAPPARELLI, Sérgio; SANTOS, Suzy dos. *Crescei e multiplicai-vos: a explosão religiosa na televisão brasileira*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, Porto Alegre, n. 11, 2004.

CARDOSO, Onésimo. *A Igreja Eletrônica: os programas religiosos na televisão brasileira*. Comunicação e Sociedade, São Bernardo do Campo, ano VI, n. 12, out. 1984.

CARNEIRO, Henrique F.; RIOS, Clauberson S. N. *O neopentecostalismo e os novos discursos religiosos Contemporâneos*. *Revista Polêmica*, Rio de Janeiro, v. 16, jul./set. 2005. Disponível em: <[http://www.polemica.uerj.br/pol20/oficinas/artigos/lipis\\_4.pdf](http://www.polemica.uerj.br/pol20/oficinas/artigos/lipis_4.pdf)>. Acesso em: 23 jul. 2012.

COX, Harvey. *A cidade do homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. *Síndrome de Lúcifer*. Rio de Janeiro: Semear, 2001.

DEBORD, Guy. A Sociedade do espetáculo. Editorações, tradução do prefácio e versão para eBookeBooksBrasil.org 2003. Disponível em: <[www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html](http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html)>. Acesso em: 10 out. 2012.

DIETRICH, Bonhoeffer. *Ética*. 9. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?>>. Acesso em: 03 abr. 2012.

Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/ibge-população-evangélica>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao)>. Acesso em: 29 jun. 2012.

Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?](http://www.ibge.gov.br/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?)>. Acesso em: 20 jun. 2012.

Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?](http://www.ibge.gov.br/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?)>. Acesso em: 20 jun. 2012.

Disponível em: <<http://www.rittv.com.br/>>. Acesso em: 28 nov. 2011.

Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/apost\\_exhortations/documents/hf](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf)>. Acesso em: 03 fev. 2012.

DREHER, Martin N. *A igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal 1999.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREITAS, Erasmo de; BARROS FILHO, Clóvis. *Globalização, mídia e ética: temas para debates em cursos de comunicação social*. São Paulo: Plêidade, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IGREJA DO Evangelho Quadrangular. Disponível em: <<http://www.quadrangular.com.br>>. Acesso em: 25 de out. 2011.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JURKEVICS, Vera I. Renovação Carismática Católica: Reencantamento do Mundo. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 40, 2004.

KUMAR, Krishan. *Modernidade*. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (Orgs.). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACERDA, Lucelmo. *Fogo da televisão ofensiva eletrônica da Renovação Carismática Católica*. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 58, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 22 out. 2011.

LÉON-DUFOUR, Xavier; DUPLACY, Jean; GEORGE, Augustin; GRELOT, Pierre; GUILLET, Jacques; LACAN, Marc-François (Orgs.). *Vocabulário de teologia bíblica*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Ética e direito*. São Paulo: Landy/Loyola, 2002.

LUSTOSA, Antônio L. *Fé, utopia e sujeito na práxis religiosa*. *Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião*, São Bernardo do Campo, n. 34, v. 22, jun. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/viewArticle/227>>. Acesso em: 22 jul. 2012.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

MARQUES DE MELO, J.; PERUZZO, C. M. K.; KUNSCH, W. L. (Orgs.). *Mídia, regionalismo e cultura*. São Bernardo do Campo: Metodista; Passo Fundo: UPF, 2003.

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria C.; BRAUN, Ana C. (Orgs.). *Mídia e religião na sociedade do espetáculo*. São Bernardo de Campo: UMESP, 2007.

MARTINO, Luís M. S. *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*. São Paulo: Paulus, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Disponível em: <<http://culturabrasil.pro.br/manifestocomunista>>. Acesso em 10 fev. 2012.

MENDONÇA, Antônio G. *Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição*. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Protestantismo brasileiro: uma breve interpretação histórica*. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luiz M. S. (Orgs.). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004.

MO SUNG, Jung. *Desejo, mercado e religião*. São Paulo: 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MONDIN, B. *Os teólogos da libertação*. São Paulo: Paulinas, 1980.

MONLOUBOU, L.; DU BUILT, F. M. *Dicionário Bíblico Universal*. 2. ed. 1996.

MOTTA, Roberto. *Ethnicité, nationalité et syncretisme dans les religions populaires brésiliennes*. Social Compass, 1994.

NUZZI, Erasmo F.; BARROS FILHO, Clóvis. *Globalização, mídia e ética: temas para debates em curso de comunicações social*. São Paulo: Plêiade, 1998.

OLIVEIRA, Sérgio. *A migração inter-religiosa pentecostal e suas relações com a modernidade*. Dissertação. (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2004.

OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PACOMINO, Luciano; MANCUSO, Vito (Orgs.). *Lexicon dicionário teológico enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

PATRIOTA, Karla M. *O fenômeno do marketing religioso: análise do discurso da Igreja Renascer em Cristo na mídia*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

PEÑA-ALFARO, Alex. *Ou dá o dízimo ou desce ao inferno: uma análise das estratégias de persuasão na teologia da prosperidade da Igreja Universal*. Recife: Do Autor, 2006.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Reencantamento e dessecularização: a propósito do autoengano em sociologia da religião*. *Novos Estudos Cebrap*, n. 49, nov. 1997.

RAMALHO, Jether. *Desafios no campo religioso Brasileiro*. CERIS. *Pentecostalismo, renovação carismática católica e comunidades eclesiais de base: uma análise comparada*. Rio de Janeiro: CERIS, 2001.

REIFLER, Hans U. *A ética dos Dez Mandamentos: um modelo de ética para os nossos dias*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

RIBEIRO, Elton V. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Loyola, 2012.

RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006.

RIES, Al. *Posicionamento: como a mídia faz sua cabeça*. São Paulo: Pioneira, 1987.

RIVERA, Paulo. *Desencantamento do mundo e declínio dos compromissos religiosos: a transformação religiosa antes da pós-modernidade*. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 4, n. 4, out. 2002.

ROCCO, Maria T. F. *Linguagem autoritária: televisão e persuasão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ROOS, Jonas. Religião. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José C.; KILPP, Nelson (Orgs.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

ROUANET, S. P. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCHAPER, Valério Guilherme. *Ética, justificação, santificação: uma aproximação a partir da virtude?* In: WACHHOLZ, Wilhelm (Org.). *Identidade evangélico-luterana e ética: Anais do III Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana*. São Leopoldo: EST, 2005.

SIEPIERSKI, Paulo. *A emergência da pluralidade religiosa. I Simpósio sobre História das religiões*, UNESP-Assis, 25 e 26 de junho de 1999.

SOARES, R. R. *Carta Viva do Missionário*. Janeiro de 2001, n. 62.

\_\_\_\_\_. *Carta Viva do Missionário*. Outubro de 1998.

STEIL, Carlos A. *Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso. Ciências Sociais e Religião*, ano 3, n. 3, 2001.

SWATOWISKI, Cláudia Wolff. *Textos e contextos da fé: o discurso mediador de Edir Macedo. Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 114-131, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rs/v27n1/a05v27n1.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2012.

TILLICH, Paul. *A dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

\_\_\_\_\_. *Dinâmica da fé*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

TIMM, Alberto R. *Teologia da prosperidade*. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José C.; KILPP, Nelson (Orgs.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.

TROELTSCH, Ernst. *Christianisme et Societé. Archives de Sociologie des Religions*, n. 11, 1961.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1989.

\_\_\_\_\_. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

\_\_\_\_\_. *Psicologia social das religiões mundiais*. In: GERTH, H. H.; MILLS (Orgs.). *Max Weber: ensaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

YOUNGBLOOD, Ronald F. *Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ZWESTSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.